



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**



ANA CLÁUDIA DIAS RIBEIRO

A ABORDAGEM DA SEMÂNTICA EM GRAMÁTICAS NORMATIVAS

Porto Velho – RO

Outubro 2015

ANA CLÁUDIA DIAS RIBEIRO

A ABORDAGEM DA SEMÂNTICA EM GRAMÁTICAS NORMATIVAS

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Dias Loura Jorin

Linha de Pesquisa: Estudos descritivos e aplicados de Línguas e Linguagens.

Porto Velho – RO

Outubro 2015

FICHA CATALOGRÁFICA
BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

R484a

Ribeiro, Ana Cláudia Dias

A Abordagem da Semântica em Gramáticas Normativas/Ana Cláudia Dias
Ribeiro. Porto Velho, Rondônia, 2015.

86 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade Federal de
Rondônia/UNIR.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Dias Loura Jorin

1. Semântica. 2. Gramática Normativa. 3. Linguística. I. Jorin, Maria do
Socorro Dias Loura. II. Título.

CDU: 81'37

ANA CLÁUDIA DIAS RIBEIRO

A ABORDAGEM DA SEMÂNTICA EM GRAMÁTICAS NORMATIVAS

Esta dissertação foi julgada suficiente como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela banca examinadora, aos 27 dias do mês de outubro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Dias Loura Jorin – PPGML/UNIR

(Orientadora)

Presidente da Banca

Universidade Federal de Rondônia

Prof.^a Dr.^a Nair Ferreira Gurgel do Amaral, PPGML/UNIR

Membro Interno

Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Hélio Rodrigues da Rocha, PPGMEL/UNIR

Membro Externo

Universidade Federal de Rondônia

Dedico esse trabalho em especial a minha filha
Anna Júlia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me ajudado a vencer todas as dificuldades do percurso desta etapa de estudo.

A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa durante todo o mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia.

Aos professores do programa de Mestrado Acadêmico em Letras.

A minha querida professora Nair Ferreira Gurgel do Amaral pela motivação, acolhimento e valiosas dicas para conclusão e aperfeiçoamento desta dissertação.

Em especial a minha orientadora Professora Doutora Maria do Socorro Dias Loura Jorin, pelas orientações, compreensão, sugestões e apoio.

Aos meus pais que, apesar do pouco estudo, sempre me incentivaram a buscar sempre mais, acreditando que o estudo abre novos horizontes.

As minhas irmãs Glacieide e Ângela pelo apoio, incentivo, companheirismo de jornada e pela mão sempre estendida para me ajudar.

A minha filha Anna Júlia que, apesar da pouca idade, compreendeu minhas ausências e foi minha motivação para prosseguir.

A Janete, Niedja e Marcilene amigas de todas as horas.

A Paizinha que desempenhou o papel de avó ao ajudar nos cuidados com a minha filha para que eu pudesse debruçar-me sobre os livros.

Aos colegas do Colégio Einstein que me ajudaram a superar os momentos difíceis no decorrer desta caminhada.

Aos colegas do mestrado, especialmente a minha amiga Sorhaya Chediak, parceira nos trabalhos, pessoa que admiro muito pela competência e humanidade.

O que faz a singularidade das teorias não é, como se pensa às vezes, o objeto de que tratam; são antes seus pressupostos (ou seja, as crenças que a teoria assume sem explicá-las) e os métodos usados para chegar aos objetivos visados.

(ILARI, 2013, p.10)

RIBEIRO, Ana Cláudia Dias. A Abordagem da Semântica em Gramáticas Normativas. 2015. 86 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO, 2015.

RESUMO

O presente estudo é uma pesquisa bibliográfica cujo objetivo foi analisar como a Semântica é abordada por gramáticos convencionais e também contemporâneos, nas Gramáticas Normativas de Língua Portuguesa, em diferentes edições correspondentes às décadas de 1980, 1990, 2000 e 2010. O tratamento e análise dos dados foram fundamentados em Laurence Bardin, trabalhando com a análise categorial temática. A partir das análises, foram criadas as seguintes categorias: i. A definição de língua; ii. As propostas apresentadas no prefácio e na divisão dos conteúdos; iii. A estruturação de cada GN e o espaço que é destinado à Semântica iv. O conteúdo apresentado: sinonímia, antonímia, ambiguidade, homonímia, paronímia, polissemia e metáfora. Foram utilizadas as concepções de língua segundo os pressupostos teóricos de Bagno (2011), Geraldi (2003) e Possenti (2006) e as contribuições de Ilari (1997/2003), Geraldi (1987), Caçado (2008) e Ferrarezi (2008) para o entendimento das teorias e fenômenos da Semântica. Nas análises das gramáticas selecionadas abordamos as concepções de língua, apresentando suas partes, objeto e metodologias. A partir das observações realizadas nas doze gramáticas, percebemos que os estudos linguísticos, ainda, não produziram mudanças significativas na elaboração das gramáticas, principalmente no que se refere aos estudos semânticos. Em relação aos conceitos semânticos, os mais recorrentes foram: sinonímia, antonímia, homonímia, paronímia e metáfora. Observamos a imprecisão em alguns conceitos apresentados pelas gramáticas e até mesmo divergências.

Palavras-chave: Linguística. Semântica. Gramática. Normativa.

RIBEIRO, Ana Cláudia Dias. The approach of the Semantic on Normative Grammars. 86 f. 2015. 180 p. Dissertation (Master degree) – Language Arts Department, Federal University of Rondonia, Porto Velho, RO, 2015.

ABSTRACT

This study is a literature review aimed to analyze how the Semantic is discussed by the conventional and also contemporary grammarians in the Normative Grammar of the Portuguese Language, in different editions corresponding to the decades of 1980, 1990, 2000 and 2010. The processing and analysis of data were based on Laurence Bardin, working with the thematic categorical analysis. From the analysis, the following categories were created: i. The language definition; ii. The proposals made in the preface and in the division of the contents; iii. The structure of each GN and the space is for the semantics iv. The content presented: synonymy, antonymy, ambiguity, homonymy, paronímia, polysemy and metaphor. The conceptions of language according to the theoretical assumptions of Bagno (2011), Geraldi (2003) and Possenti (2006) and contributions of Ilari (1997/2003), Geraldi (1987), Cançado (2008) and Ferrarezi (2008) were used to understand the theories and phenomena of semantics. In the analyzes of selected grammars we approach the conceptions of language, demonstrating parts, object and methodologies. From the observations made in the twelve grammars, we noticed that linguistic studies also did not produce significant changes in the preparation of grammars, especially with regard to semantic studies. In relation to the semantic concepts, the most frequent were: synonymy, antonymy, homonymy, paronímia and metaphor. We noted the inaccuracy in some concepts presented by grammars and even disagreements.

Keywords: Semantics. Normative. Grammar-Linguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gramáticas analisadas	17
Figura 2 – Relações dicotômicas de Saussure	26
Figura 3 – Tipos de Semânticas	35
Figura 4 – Definição de língua	46
Figura 5 – Definição de língua (continuação)	47
Figura 6 – Atividade da GN 2	49
Figura 7 – As GN e os conteúdos semânticos	54
Figura 8 – Atividade sobre sinonímia, GN 4	56
Figura 9 – Atividade sobre sinonímia, GN 9	58
Figura 10 – Atividade sobre antonímia, GN 9	59
Figura 11 – Atividade sobre antonímia, GN 12	60
Figura 12 – Atividade sobre hiponímia, GN 8	61
Figura 13 – Atividade sobre ambiguidade, GN 9	62
Figura 14 – Atividade sobre ambiguidade, GN 12	63
Figura 15 – Atividade sobre homonímia, GN 12	64
Figura 16 – Atividade sobre homonímia, GN 10	66
Figura 17 – Atividade sobre paronímia, GN 4	66
Figura 18 – Atividade sobre polissemia, GN 9	67
Figura 19 – Anúncio, GN 11	69
Figura 20 – Anúncio, GN 10	71
Figura 21 – Anúncio, GN 10	71
Figura 22 – Metáfora, GN 12	72

LISTA DE SIGLAS

LDB: Leis de diretrizes e bases da educação

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais

PCN+: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais

PCNEM: Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio

PNDL: Programa Nacional do Livro Didático

UNIR: Universidade Federal de Rondônia

LP: Língua Portuguesa

SCC: Semântica de Contexto e Cenários

GN: Gramática Normativa

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
INTRODUÇÃO.....	14
1 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	16
1.1 Os Objetivos	16
1.2 O Objeto de Estudo e o Corpus	16
1.3 Tipo de Pesquisa e Abordagem.....	18
1.4 Categorização	19
2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ABORDAGEM TEÓRICA: A GRAMÁTICA NORMATIVA E A LÍNGUÍSTICA.....	20
2.1 Nascimento da Gramática Normativa Portuguesa	20
2.2 As diversas Gramáticas.....	22
2.2.1 Gramática normativa.....	22
2.2.2 Gramática descritiva.....	23
2.2.3 Gramática implícita	23
2.2.4 Gramática reflexiva.....	23
2.2.5 Gramática universal.....	24
2.2.6 Gramática histórica.....	24
3 LÍNGUA, LINGUAGEM E LINGUÍSTICA: INTERFACE COM A GRAMÁTICA NORMATIVA.....	25
3.1 O nascimento da Linguística.....	26
3.2 O Estruturalismo.....	27
3.2 O Gerativismo	27
3.3 Materialismo-histórico	28
3.4 Funcionalismo	28
4 O ESPAÇO DA SEMÂNTICA NA GRAMÁTICA NORMATIVA	30
4.1 Algumas considerações sobre a história da semântica.....	30
4.2 Percurso da Semântica no Brasil.....	32
4.3 Vertentes Semânticas	33
4.4 Os fenômenos semânticos.....	39

4.4.1 Sinonímia	39
4.4.2 Antonímia e contradição	40
4.4.3 Hiponímia	42
4.4.4 Ambiguidade	42
4.4.5 Homonímia	43
4.4.6 Polissemia	43
4.4.7 Implicatura	43
4.4.8 Pressuposição.....	44
4.4.9 Acarretamento.....	44
4.4.10 Metáfora	45
5 COMPARAÇÃO DOS DADOS.....	46
5.1 Categorias de Análise	46
5.1.1 Definição de Língua.....	46
5.1.2 As propostas (prefácio, apresentação e divisão)	48
5.1.2.1 Década de 1980: Bechara e Napoleão	48
5.1.2.2 Década de 1990: Ferreira, Almeida, Cunha e Lima	49
5.1.2.3 Década de 2000: Bechara, Pasquale &Ulisses, Carvalho, Ferreira e Mesquita .	50
5.1.2.4 Década de 2010: Cereja /Cochar.....	51
5.1.3 A estruturação das GN e o lugar da Semântica	51
5.2 O conteúdo.....	55
5.2.1 Sinonímia	55
5.2.2 Antonímia	59
5.2.3 Hiponímia	61
5.2.4 Ambiguidade	62
5.2.5 Homonímia	64
5.2.6 Polissemia	67
5.2.7 Metáfora	69
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS.....	79
ANEXOS	82

APRESENTAÇÃO

O interesse pelo presente estudo surgiu de minhas inquietações quando acadêmica do curso de Letras/Português e, ainda hoje, como professora de Língua Portuguesa. Tais inquietações se intensificavam à medida que percebia as dificuldades apresentadas pelos alunos em ler e interpretar textos.

Iniciei minha carreira de professora em 1997 quando, recém-formada no curso de Magistério, tomei posse na rede estadual de ensino. Naquele mesmo ano, comecei o curso de Letras Português e suas Literaturas (1997-2000) na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Logo de início encontrei um grande desafio: trabalhar com uma turma de primeira série do Ensino Fundamental tendo que alfabetizar crianças. As dúvidas e as angústias de ser uma professora alfabetizadora me atormentavam.

Quando cursei a graduação, a disciplina de Semântica ainda não fazia parte da matriz curricular do curso de Letras na UNIR. Já graduada, comecei a ministrar aulas de Literatura para o Ensino Médio. Um vasto campo a ser trabalhado, com leituras e estudo de textos, nem sempre de fácil entendimento, devido o distanciamento dos alunos com a leitura, o que gerava lacunas no (des) entendimento de muitas palavras. Preocupava-me sobre o que fazer para facilitar o entendimento do que era dito ou escrito. Mesmo nas aulas de Língua Portuguesa, um simples enunciado de exercício, se você trocasse “palavra” por “vocábulo”, os alunos deixavam de fazer a questão por não saber o significado e, conseqüentemente, como responder.

Cursei Especialização em Língua Portuguesa pela UNIR (2003) que também não oferecia a disciplina de Semântica, mas as disciplinas estudadas abordaram alguns aspectos semânticos, o que me despertou para o estudo do significado. Sabe-se que desde a década de 1980 a Linguística vem contribuindo para o ensino de Língua Portuguesa, quando os estudos de Sociolinguística, Psicolinguística, Linguística Textual, Pragmática e Análise do Discurso passaram a acarretar interferências bastante significativas para o ensino da Língua materna, mas foi somente no Mestrado (2013) que deparei não só com a disciplina de Semântica, mas também com as de Linguística Textual, Pragmática e Análise do Discurso, quase 13 anos depois da Graduação.

Minha atuação como professora iniciou logo após a reformulação da Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB), 1996, a qual ocasionou uma mudança significativa na educação, como o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), 1997- primeiro e segundo

ciclos, 1998, - terceiro e quarto ciclos o Programa Nacional do Livro didático (PNDL), 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio PCNEM, 2000 e em 2007 foram desenvolvidas novas orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais - ensino médio numa nova publicação sob o título de PCN+. É necessário tempo para que essas mudanças cheguem de fato às salas de aula e aos materiais didáticos.

INTRODUÇÃO

A linguagem é a capacidade humana de combinar significados coletivos e compartilhá-los. Esses sistemas arbitrários de representação podem variar de acordo com as necessidades e experiências sociais. Assim, a essência principal de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido. De acordo com os interesses do falante, a linguagem pode comprometer a comunicação ao ser manipulada pelo locutor e/ou interlocutor através do uso de referentes que podem ser entendidos por apenas um grupo reduzido de pessoas. E quando isso acontece, ela é um meio de exclusão.

De acordo com os PCN, “o ensino da Língua Portuguesa, hoje, deve estar pautado, na busca de desenvolver no aluno múltiplas possibilidades de expressão linguística, capacitá-lo como leitor efetivo dos mais diversos textos representativos da nossa cultura e seu senso crítico”. (PCN+, p.55)

Dessa forma, a concepção de ensino, veiculada em materiais didáticos e presente na prática do professor de Língua Portuguesa, deveria promover a leitura, análise, interpretação e produção de textos bem como práticas comunicativas que se estabelecem em diferentes espaços e contextos sociais. Indo além da memorização automática de conceitos ou regras gramaticais.

Desde o século passado (XX), mudanças pedagógicas e didáticas vêm ocorrendo em muitas escolas nas aulas de Língua Portuguesa. Professores se esforçam para socializar com os alunos uma verdadeira educação linguística. Nesse sentido, alguns livros didáticos também passaram por novas adaptações e contribuíram para essa melhoria. Todavia, podemos afirmar a mesma situação em relação à Gramática Normativa (GN)? Como os autores apresentaram a Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica nos últimos 30 anos?

A Semântica está relacionada com a capacidade que os usuários da língua têm em perceber o sentido e significado dos enunciados que estão presentes em nossa sociedade e que, muitas vezes, são manipulados em nome de alguns interesses.

A pesquisa bibliográfica comparativa apresentada nessa dissertação possibilitou uma discussão de como a Semântica vem sendo abordada nas Gramáticas Normativas de Língua Portuguesa, com o advento dos estudos linguísticos (1960) e, posteriormente, o surgimento da Semântica. Além disso, a análise comparativa permitiu elencar se houve ou não alguma mudança na abordagem sobre a Semântica.

A relevância desta pesquisa está, especialmente, no fato dos estudos semânticos e pragmáticos ocuparem espaço nas discussões a respeito do ensino da língua materna, no

campo dos estudos linguísticos, dedicados ao processo de enunciação do sujeito em práticas discursivas, mediadas pelos gêneros textuais em contexto linguístico e extralinguístico, que podem contribuir para reformulações feitas no ensino da língua (gem).

Nessa perspectiva, elencamos as perguntas norteadoras da pesquisa da seguinte forma:

1. Algo mudou em relação à estruturação dos conteúdos abordados nas gramáticas normativas? 2. Há espaço para a Semântica? Se há, de que maneira ela é apresentada? 3. Os conceitos em relação à Semântica apresentados na Gramática Normativa ignoram ou incorporam as contribuições das teorias linguísticas?

A partir desses questionamentos delineamos o objetivo geral da pesquisa que foi analisar comparativamente o tratamento dado à Semântica nas gramáticas normativas de diferentes edições correspondentes às décadas de 1980, 1990, 2000 e 2010.

Estabelecemos três objetivos específicos, são eles: a) verificar as concepções de língua e linguagem nas gramáticas; b) identificar os fenômenos semânticos apresentados; c) analisar como os fenômenos semânticos são abordados nas GN.

A análise apoiou-se principalmente, nas concepções de linguagem, língua e gramática desses autores: Travaglia (1995), Geraldi (2003), Possenti (2006) e Bagno (2011). E também no aporte teórico de Geraldi (1987), Ilari (1997/2001), Cançado (2008), Ferrarezi (2008) e Chierchia (2008) sobre as teorias e fenômenos da Semântica.

A metodologia caracterizou-se por uma abordagem científica, exploratória e descritiva e por uma abordagem qualitativa, compreendida como mais adequada à proposta, visto que essa se preocupa com o tratamento dado aos fenômenos semânticos pelas GN.

O *corpus* foi dividido em quatro grupos: o primeiro compreendeu a análise de duas gramáticas da década 80; o segundo, quatro gramáticas de 90; o terceiro, cinco gramáticas dos anos 2000 e uma gramática de 2010.

Esta dissertação foi organizada com a seguinte estrutura: Apresentação, Introdução, Seção 1, a qual aborda os aspectos metodológicos; Seção 2, que trata da abordagem conceitual e teórica a respeito das GN; Seção 3 traz as concepções de língua e linguagem e a função da linguística; Seção 4 explana sobre a o espaço da Semântica nas GN; Seção 5 análise dos dados e, por fim, as Considerações Finais, Referências, Apêndices e Anexos.

1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, traçaremos os caminhos percorridos para leitura e análise dos dados. Na sequência, apresentaremos os seguintes subitens: os objetivos, o objeto de estudo e *corpus*, a descrição metodológica e, por fim, a categorização.

1.1 Os Objetivos

Essa pesquisa tem como objetivo geral a análise comparativa ao tratamento dado à Semântica nas gramáticas de diferentes autores e edições correspondentes às décadas de 1980, 1990, 2000 e 2010.

Buscamos como objetivos específicos: verificar as concepções de linguagem e língua apresentadas nas gramáticas analisadas, identificar quais fenômenos semânticos são apresentados, comparar o tratamento dado aos fenômenos semânticos abordados, discutir e analisar as mudanças ocorridas a partir do recorte temporal estabelecido.

1.2 O Objeto de Estudo e o Corpus

Para apoiar a análise, buscamos referencial teórico a partir dos estudos dos autores: Travaglia (1995), Bagno (2011), Geraldi (2003) e Possenti (2006) com seus estudos sobre concepções de língua, linguagem e gramática. Enquanto para o entendimento sobre as teorias e fenômenos da Semântica, temos como aporte teórico Ilari (1997/2001), Geraldi (1987), Cançado (2008), Ferrarezi (2008) e Chierchia (2008).

Com o intuito de atingirmos o objetivo, selecionamos doze gramáticas de diferentes autores e edições correspondentes às décadas de 1980, 1990 e 2000 e 2010, as quais estão descritas no quadro a seguir:

Figura 1 – Gramáticas analisadas

Nº	NOME	AUTOR	ANO	EDIÇÃO	EDITORIA
1	Moderna Gramática Portuguesa	Evanildo Bechara	1983	28 ^a	Companhia Editora Nacional
2	Gramática Metódica da Língua Portuguesa	Napoleão Mendes de Almeida	1983	33 ^a	Saraiva
3	Gramática Metódica da Língua Portuguesa	Napoleão Mendes de Almeida	1992	37 ^a	Saraiva
4	Aprender e praticar gramática	Mauro Ferreira	1992		FTD
5	Gramática da Língua Portuguesa	Celso Ferreira Cunha	1994	12 ^a	FAE
6	Gramática Normativa da Língua Portuguesa	Carlos Henrique da Rocha Lima	1998	35 ^a	José Olympio
7	Moderna Gramática Portuguesa	Evanildo Bechara	2001	37 ^a	Lucerna
8	Gramática da Língua Portuguesa	Pasquale Cipro Neto / Ulisses Infante	2003		Scipione
9	Gramática: Uso e Interação	Laiz Barbosa de Carvalho	2006	1 ^a	Saraiva
10	Aprender e praticar gramática	Mauro Ferreira	2007		FTD
11	Gramática da Língua Portuguesa	Roberto Melo de Mesquita	2007	9 ^a	Saraiva
12	Gramática Reflexiva - Texto, Semântica e Interação	William Roberto Cereja e Thereza Cochar.	2013	4 ^a	Atual

Fonte: A pesquisadora.

Os autores selecionados podem ser divididos em dois grandes grupos, de acordo com aspectos comuns verificados entre eles. O primeiro, constituído por gramáticos de extensa

carreira no magistério em seus vários níveis de ensino, formados em Letras, filólogos, doutores e membros da Academia Brasileira de Letras. Pertencem a este grupo: Evanildo Bechara (o único ainda vivo), Napoleão M. de Almeida (somente este não possui o título de doutor e nem foi membro da ABL), Celso Cunha e Rocha Lima, nascidos na primeira metade do século XX.

Celso Cunha ocupou importantes funções públicas: dirigiu a Biblioteca Nacional, foi Secretário Geral de Educação e Cultura (1960) e membro do Conselho Federal de Educação, Coordenador geral do Projeto de Estudo Coordenado da Norma Linguística Culta Projeto NURC, em 1972; coordenador do Projeto de Estudo da Fala dos Pescadores na Região dos Lagos Projeto FAPERJ, em 1980; coordenador do Atlas Etnolinguístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro Projeto APERJ, em 1986.

Há no segundo grupo, os nascidos na segunda metade do século XX, autores, não somente de gramáticas, mas também de livros didáticos. Todos eles professores, graduados em Letras, alguns não atuam mais em sala de aula. Quanto a titulação, Ulisses Infante e Roberto Cereja são doutores; Thereza Cochar é mestra, Laiz Carvalho e Mauro Ferreira são especialistas; já Pasquale Cipro Neto não seguiu carreira acadêmica, mas tornou-se conhecido pela participação em programas de rádio e televisão. É o idealizador e apresentador do programa “Nossa Língua Portuguesa”, transmitido pela Rádio Cultura (São Paulo) AM e pela TV Cultura, do programa Letra e Música, transmitido pela Rádio Cultura AM e foi colunista nos jornais Folha de São Paulo, O Globo e Diário do Grande ABC, entre outros, e da revista literária Cult.

1.3 Tipo de Pesquisa e Abordagem

A pesquisa apresenta uma abordagem científica, exploratória e descritiva qualitativa, compreendida como mais adequada à proposta de pesquisa, visto que essa se preocupa com o tratamento dado aos fenômenos semânticos pelas GN.

A primeira etapa consistiu no levantamento bibliográfico, revisão da literatura sobre o tema e leitura. Já a segunda compreendeu a seleção das GN para análises, sendo duas da década de 1980, Bechara e Napoleão; quatro da década de 1990, Napoleão, Ferreira, Celso Cunha e Rocha Lima; cinco da década de 2000, Bechara, Pasquale & Ulisses, Carvalho, Ferreira e Mesquita e uma da década de 2010, Cereja/Cochar. Por fim, a terceira etapa, com a análise dos dados.

1.4 Categorização

O tratamento e análise dos dados foram fundamentados em Laurence Bardin, trabalhando com a análise categorial temática. Para a autora a categorização

é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidade de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos. O critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas) [...] sintático (verbos e adjetivos), léxico (classificação das palavras segundo o seu sentido) [...] e expressivo (categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem) (BARDIN, 2011, p. 117)

A categorização é a classificação de elementos em categorias para investigar o que cada um deles tem em comum com os demais.

As categorias de análise foram estabelecidas a partir do levantamento bibliográfico feito com as gramáticas selecionadas que demonstravam ter em comum.

A partir das análises, foram criadas as seguintes categorias: i. A definição de língua; ii. As propostas apresentadas no prefácio e na divisão dos conteúdos; iii. A estruturação de cada GN e o espaço que é destinado à Semântica iv. O conteúdo apresentado: sinonímia, antonímia, ambiguidade, homonímia, paronímia, polissemia e metáfora.

Para a categoria de análise “As propostas (prefácio, apresentação e divisão)”, agregaram-se subcategorias de acordo com a década de publicação de cada GN, a fim de que se pudessem visualizar melhor as propostas de cada uma delas, analisando, as possíveis mudanças, no decorrer dos anos compreendidos dentro do recorte da análise. São elas:

- a) Década de 1980 Bechara e Napoleão;
- b) Década de 1990 Napoleão, Celso Cunha e Rocha Lima;
- c) Década de 2000 Pasquale & Ulisses, Carvalho, Ferreira e Mesquista;
- d) Década de 2010 Cereja/Cochar.

2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ABORDAGEM TEÓRICA: A GRAMÁTICA NORMATIVA E A LINGÜÍSTICA

Nesta seção, trataremos do aporte teórico utilizado na pesquisa. Para tanto, discorreremos sobre o conceito de gramática, cujo embasamento apoiou-se nos estudos de Bagno (2011), Travaglia (1995) e Leite (2007) perpassando por sua origem, pelo surgimento na Grécia antiga e pelos tipos de gramáticas existentes. Discutiremos sobre as concepções de Língua bem como o surgimento da Linguística Moderna e suas vertentes.

2.1 Nascimento da Gramática Normativa Portuguesa

De acordo com Leite, é da filosofia grega que emergem os fundamentos da disciplina gramatical. Ela descreve que essa contribuição pode ser analisada cronologicamente, em três etapas (LEITE, 2007, p. 36). A primeira, Aristóteles tratou das palavras e de suas relações semânticas, especulando acerca das relações existentes entre as palavras, os nomes e o conteúdo. Na segunda, Platão, no *Sofista*, trata do enunciado e da proposição e parte para a análise desta, pelo par *tema-rema*, o que mais tarde foi decisivo para a classificação das partes do discurso. E por último a terceira, em que Aristóteles correlaciona as formas linguísticas e as características dos conteúdos mentais e, a partir disso, formula a teoria das “partes do discurso”: nome, verbo, junção, e membro articulatório.

As reflexões sobre a linguagem remontam à Antiguidade Clássica, período em que vários esforços foram manifestados pelos gregos para explicar as relações entre a linguagem e o mundo, e também a possível relação entre a linguagem e o pensamento. Eles, ainda, buscavam entender o mecanismo interno da língua, com a finalidade de averiguar a questão de verdade ou falsidade do enunciado. Entende-se que

[...] A discussão linguística dos filósofos gregos ofereceu os *fundamentos epistemológicos* para a criação da gramática. [...] A reflexão dos gregos sobre a linguagem, embora tivesse partido da observação do discurso oral, das ocorrências das palavras na realidade discursiva, da relação existente entre palavras, do pensamento e da realidade, não teve o objetivo de criar regras para a linguagem, mas de compreender a expressão da verdade e da falsidade por ela veiculadas. Disso surgiram os estudos sobre o enunciado científico, preciso na expressão da verdade, (Platão, Aristóteles, os estóicos) e sobre a linguagem poética, aberta, ambígua (Aristóteles) (LEITE, 2007, p. 37).

A Gramática Normativa é um conjunto de normas que regulamentam o uso da fala e da escrita; para ela o uso da língua pelos bons escritores define o parâmetro. A gramática normativa ocidental surgiu na Grécia antiga. Segundo Gnerre (2009), o pensamento linguístico grego determinou e legitimou a variedade linguística de prestígio.

Desde o “legislador” platônico que impõe e escolhe os nomes apropriados dos objetos, até chegar a tradição gramatical divulgada, estruturada talvez na época alexandrina, a elaboração da ideologia e da reflexão relativas à linguagem foi constante. (...) Tal visão estava ainda longe do processo de elaboração nos moldes conceituais dentro dos quais foi colocada a língua grega na idade alexandrina, e mais tarde a língua latina. (GNERRE, 2009, p. 12)

Assim, a gramática desde sua origem, foi criada como forma de instituir uma variedade linguística modelo, legitimada por uma ideologia, desde os filólogos alexandrinos que acreditavam que a língua escrita literária deveria servir como modelo de “falar e escrever bem”. Isto é,

Os gramáticos-filólogos alexandrinos foram responsáveis pela mudança de foco das reflexões sobre a língua, da filosofia para a gramática, e deram à luz, por meio da elaboração das ‘regras gerais’, formadas pelo princípio metodológico da analogia, a noção de *correção* linguística, do que decorreu da *normatividade*. (LEITE, 2007,p.43)

A própria palavra gramática (*grammatiké*) é herança dos gregos e pode ser traduzida como “estudo da língua escrita”, embora, originariamente, o termo *gramma* do qual deriva a palavra gramática, fosse utilizado para designar simultaneamente elementos da fala e da escrita.

Segundo Bagno (2011), os filólogos alexandrinos, “amantes da palavra”, do “conhecimento”, trabalhavam na Biblioteca de Alexandria e tiveram necessidade de criar um manual que facilitasse a análise das produções literárias do passado, dando assim, origem à gramática. Leite acrescenta que:

A gramática dos alexandrinos (época helenística) nasceu para preservar a cultura helênica. A gênese da gramática está ligada à biblioteca, porque foi depois da criação da Biblioteca de Alexandria (séc. III a. C.), na qual foi reunida a fortuna bibliográfica da cultura helênica, que surgiu a gramática, tal como conhecida no mundo ocidental. (LEITE, 2007, p.44).

A respeito das primeiras gramáticas sobre a Língua Portuguesa tem-se a *Grammatica da lingoagem portuguesa*, publicada em 1536, por Fernão de Oliveira e a *Grammatica da língua portuguesa*, de João de Barros, publicada em 1540, conforme Leite (2007).

Fernão de Oliveira realizou um estudo sistemático, descrevendo o uso efetivo da língua praticada pelos portugueses, no dia a dia e não os modelos retirados de livros literários. Sabe-se que este modelo não foi o seguido pelas gramáticas tradicionais.

Por outro lado, a gramática de João de Barros é fruto da necessidade de transmitir os princípios do cristianismo. Dessa forma, Barros buscou criar um método para ensinar os meninos a ler e assim transmitir aspectos da moral e da religião, que o levou a escrever a *Grammatica da língua portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja*. (LEITE, 2007, p.88).

No século XVII, os franceses da região do *Port-Royal*, aplicando o espírito filosófico aos estudos da linguagem, escreveram a *Grammaire générale et Raisonnée*. Partindo do pressuposto de que a linguagem é racional e nas observações feitas a partir de algumas línguas de origem indo-europeias, eles pretendiam descrever todas as variantes linguísticas da humanidade. Esses gramáticos acreditavam que o bom uso da linguagem estava relacionado à arte de pensar (ARNAULD e LANCELOT, 1992).

Segundo Koch (2003) uma série de recursos, mecanismos, fatores e princípios exteriores à língua podem interferir no sentido de uma sequência linguística a ponto de torná-la texto ou não. Nesse sentido, Travaglia (2003, p.45) afirma que a Gramática de uma língua é “o conjunto de condições linguísticas para a significação”, sejam eles os: recursos fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Portanto, quando se estuda os aspectos gramaticais de uma língua, estudam-se simultaneamente os recursos disponíveis para que o falante/leitor produza seus textos conforme o efeito de sentido pretendido.

2.2 As Diversas Gramáticas

Existem vários tipos de Gramática, dentre os quais destacamos: gramática normativa, descritiva, implícita, reflexiva, universal e histórica.

2.2.1 Gramática normativa

De acordo com Travaglia é aquela que “apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a **correta** utilização oral e escrita do idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua”. (TRAVAGLIA, 1995, p.30-31. Grifo do autor).

Para Bechara (2014), o termo *gramática* é polissêmico, assim o conceitua:

a) *gramática descritiva*, disciplina científica, que tem por objetivo registrar e descrever um sistema linguístico em todos os seus aspectos (e em todas as suas variedades), sem pretender recomendar um modelo exemplar;

b) *gramática normativa ou prescritiva*, que, por seu turno, tem finalidade didática recomendar um modelo de língua, assinalando as construções “corretas e rejeitando as “incorretas” ou não recomendadas pela tradição culta.

Isto significa, em outras palavras, que a primeira disciplina mostra “como a língua funciona”, e a segunda, “como a língua deve funcionar”, segundo os tipos de sua singularidade idiomática.

[...] A gramática normativa tem o seu lugar e não se anula diante da gramática descritiva. Mas é um lugar à parte, imposto por injunções de ordem prática dentro da sociedade. (BECHARA. In: NEVES; CASSEB – GALVÃO, 2014, p.19, 20)

2.2.2 Gramática descritiva

Em síntese, trata-se de explicar as línguas tais como são faladas, registrando as regras seguidas pelos falantes. E ainda trabalha com qualquer variedade da língua e não apenas com a variedade culta. Segundo Travaglia (1995), a gramática descritiva

descreve e registra para uma determinada variedade da língua em um dado momento de sua existência (portanto numa abordagem sincrônica) as unidades e categorias linguísticas existentes, os tipos de construção possíveis e a função desses elementos, o modo e as condições de uso dos mesmos. (TRAVAGLIA, 1995, p.32)

Para Bechara (2014) a gramática descritiva mostra como a língua funciona, descreve seu funcionamento, mas sem impor um modelo a ser seguido.

2.2.3 Gramática implícita

Conforme Travaglia (1995), a gramática implícita, também chamada de gramática internalizada é a competência linguística, que possibilita ao falante fazer uso automático da língua quando necessitar, embora não tenha consciência da existência dela.

Possenti (1996) a conceitua como um conjunto de regras que o falante domina intuitivamente, também conhecida por gramática natural.

2.2.4 Gramática reflexiva

Para Travaglia (1995), “refere-se mais ao processo do que aos resultados: representa as atividades de observação e reflexão sobre a língua que buscam detectar, levantar suas unidades, regras e princípios, ou seja, a constituição e funcionamento da língua”.

2.2.5 Gramática universal

De acordo com Todorov e Ducrot (1960, *apud* TRAVAGLIA, 1995, p.36) “é uma gramática de base comparativa que procura descrever e classificar todos os fatos observados e realizados universalmente”, isto é, pesquisa características comuns a todas as línguas do mundo.

2.2.6 Gramática histórica

“É a que estuda a origem e a evolução de uma língua, acompanhando-lhe as fases desde o seu aparecimento até o momento atual.” (TRAVAGLIA, 1995, p.36).

Participar do mundo é exercer atividades como ouvir, falar, ler e escrever, interagindo com outras pessoas. A compreensão do que se lê, a capacidade de argumentar, de identificar informações implícitas, diferenciar fato de opinião, produzir textos com coerência são formas de dominar os recursos da língua. Podemos chamar de competência comunicativa, o conjunto dessas habilidades, exigidas pela sociedade e adquiridas também na escola.

Nessa perspectiva, grande é o debate em torno do ensino de língua materna, incluindo questões como a seleção de conteúdos a serem abordados em sala de aula, métodos que deverão ser utilizados para desenvolver as habilidades de leitura e escrita do aluno e ainda como trabalhar as dificuldades em relação ao ensino da norma padrão. Para ampliar essas habilidades nas aulas de Língua Portuguesa, (doravante, LP) um dos recursos utilizados é a gramática. Portanto, a gramática exerce papel relevante no ensino de LP.

3 LÍNGUA, LINGUAGEM E LINGUÍSTICA: INTERFACE COM A GRAMÁTICA NORMATIVA

Por serem as concepções de linguagem e as de gramática que subsidiam o entendimento e o estudo de uma língua, faremos uma retrospectiva dessas concepções no decorrer dos estudos linguísticos, a fim de discutir a função da Linguística na Gramática Normativa.

Em geral, as pessoas relacionam aprendizagem da gramática da Língua Portuguesa ao exclusivo domínio das normas gramaticais. A concepção que a gramática apresenta sobre língua e linguagem é algo que diz respeito à sociedade, já que a língua permeia todas as relações, e pode ser usada como fator de preconceito. Para a maioria das pessoas, língua é o ensino de gramática da Língua Portuguesa, isto é, ensino das normas do Português para se escrever bem; e ainda ler é decodificar um texto escrito.

Por que conceituar Língua? Travaglia (1995, p. 21), afirma que “a concepção de linguagem e a de língua altera substancialmente o modo de estruturar o trabalho com a língua em termos de ensino e considera essa questão tão importante quanto à postura que se tem em relação à educação”. Portanto, discutir as concepções de língua e linguagem pressupõe a retomada de concepções adotadas em divergentes linhas de estudo e que contribuíram na definição dos conteúdos e dos métodos a serem adotados na escola.

Possenti (1996) acrescenta que é preciso superar a visão do ensino da língua como sendo ensino da gramática, e do ensino de gramática como ensino de regras. Pois ensinar gramática é ensinar a língua em todas as suas variedades de uso, e ensinar regras é ensinar o domínio do uso.

Atualmente, as noções provenientes da concepção de língua como espaço heterogêneo acabam influenciando na elaboração das gramáticas, nas quais podemos encontrar exemplos e concepções de língua que levam em conta a presença das variedades, validadas pelos estudos da linguagem que consideram o linguístico e o social.

Segundo Travaglia (1995) três concepções de linguagem vêm permeando a história dos estudos linguísticos. São elas:

- A linguagem como expressão do pensamento. Acreditava-se que a pessoa não sabia se expressar por não saber pensar.
- A linguagem como instrumento de comunicação: a língua é um código, que combinado por regras, possibilita o envio e recebimento de mensagens.

- A terceira concepção a linguagem é uma forma de interação: situa a linguagem como meio de constituição de relações sociais.

3.1 O nascimento da Linguística

A Linguística é definida como a ciência da linguagem; ou ainda, segundo Lyons (1987) como estudo científico da linguagem. Desde a Antiguidade, já se estudavam as línguas, a linguagem, no entanto, a Linguística é uma ciência nova. O termo “Linguística” foi empregado pela primeira vez em meados do século XIX, trocando o foco da mudança da língua ao longo do tempo para aquele de um sistema estruturado e autônomo em determinado ponto no tempo, formando, então, a base da linguística estruturalista no período pós-Primeira Guerra.

A linguística moderna teve seu surgimento com Ferdinand Saussure com o objetivo de criar um modelo abstrato, a partir dos *atos de fala*. Para ele, a língua era considerada em si mesma, em cada momento sincrônico, ou seja, em um dado momento de seu percurso histórico.

Vejamos, no quadro abaixo as relações dicotômicas, com as quais Saussure define os conceitos em pares, cada elemento se relaciona a outro, numa relação de oposição.

Figura 2 – Quadro das relações dicotômicas de Saussure

LÍNGUA (LANGUE)	FALA (PAROLE)
Sistema abstrato, homogêneo, composto de todas as realizações potenciais de expressão, formado por unidades que se opõem entre si, compartilhado por todos os falantes de um grupo social, é invariável pois não pode ser alterado por nenhum falante individual.	Manifestações individuais, particulares, heterogêneas, das potencialidades do sistema, apresenta variação, mas essa variação não prejudica a intercompreensão dos falantes, uma vez que todos eles reconheceram que por trás das formas variantes, existe, num nível mais abstrato, uma forma comum, geral.
SIGNIFICADO	SIGNIFICANTE
Conceito abstrato, ideia na mente, representação cognitiva compartilhada universalmente por todos os seres humanos dotados de linguagem.	Realização audível de um conceito abstrato, variável de uma língua para outra, por outra, por exemplo, a noção de ‘árvore’ se manifesta como arbor, dedron, Baum, imbirá, treeem latim, grego, alemão, tupi e inglês respectivamente.
SINCRONIA	DIACRONIA
Estado do sistema linguístico num dado momento histórico; a sincronia é um conjunto teórico feito, feito com base nas deduções operadas pelo linguista.	Estudo da língua ao longo do tempo, observando seus diferentes estados, seus progressos de mudança, documentados em textos linguísticos.
PARADGMA	SINTÁGMA
Repertório virtual de signos que o falante pode ativar para dele escolher os elementos na hora de se expressar.	Encadeamento concreto de signos na cadeia falada, reunião de signos decorrente dos processos mentais de seleção dentro do paradigma.

Fonte: BAGNO, Marcos. In: *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 45

3.2 O Estruturalismo

A origem do estruturalismo nos Estados Unidos se deve à necessidade de buscar princípios metodológicos apropriados para análise descritiva das centenas de línguas dos americanos nativos no final do século XIX. Franz Boas, Edward Sapir e Leonard Bloomfield foram os responsáveis pela vertente do estruturalismo americano.

O foco de Bloomfield era estabelecer a linguística como ciência. Seus métodos analíticos tentavam excluir o significado (ou semântica) a todo custo. Para ele a linguagem não passava de respostas a estímulos.

Para Ferdinand Saussure, linguista suíço conhecido como o pai da linguística moderna, a Linguística tinha que se ocupar da *langue*, do conceito abstrato, preocupando-se do estado atual da língua, desprezando os aspectos históricos. Através de seus alunos, suas ideias foram reconstruídas e publicadas, postumamente, em 1916, na obra *Curso de Linguística Geral*. Saussure defendeu a conceituação e a arbitrariedade do signo linguístico.

De acordo com Bagno (2011), após os estudos de Saussure, que buscou descrever o funcionamento da língua como um “sistema”, a língua passou a ser vista como objeto autônomo, que pode ser estudada sem se considerar os aspectos históricos, cultural e social.

Após a linguística se estabelecer como ciência, as ideias renovadoras de Saussure serviram como ponto de partida para o desenvolvimento de novos métodos e teorias. Ora por uma frente europeia, ora por uma frente americana, os estudos linguísticos foram prosseguindo até chegar ao que são hoje.

Em 1926, surgiu a escola de Praga (capital da República Checa), formada entre outros, pelos linguistas de origem russa Nikolai Trubetskoï, Serguei Karcevski e Roman Jakobson. Eles foram responsáveis por colocar a questão do fonema no centro da teoria linguística como uma das unidades mais fundamentais.

3.2 O Gerativismo

Noam Chomsky, vinculado à psicologia cognitiva, acreditava que todo falante de uma língua é pleno conhecedor de sua gramática e concebia a linguagem humana como um sistema computacional, descrito por expressões matemáticas, portanto, a linguagem humana faz parte da composição genética, conforme Bagno (2011).

Chomsky deu nova perspectiva aos estudos linguísticos modernos com a publicação de *Syntactic Structures* (Estruturas sintáticas), em 1957. Para ele, o objetivo da linguística era

formulação de uma gramática que, por meio de um número finito de regras, fosse capaz de gerar todas as frases de um idioma, por isso foi chamada de gramática gerativa. Em suas concepções sobre a gramática estabeleceu três componentes: o sintático, com função geradora; o fonológico, a imagem acústica da estrutura elaborada pelo componente sintático; e o semântico, que interpreta essa imagem.

A partir do gerativismo de Chomsky, houve uma reestruturação da Linguística possibilitando sua aplicação em diversas disciplinas do saber humano, como a Psicologia e / ou a Sociologia. Principalmente, ao que se refere à dicotomia competência-desempenho, como o surgimento da Psicolinguística, na década de 1940 que designa o estudo da linguagem considerando seus aspectos psicológicos.

3.3 Materialismo-histórico

Calvet (2002), Antoine Meillet, ex-aluno de Saussure, defendia o caráter social da língua, buscando explicar sua estrutura através da história. Posteriormente, Nicolai Marr acreditava que o socialismo incitaria o surgimento de uma língua única, internacional e artificial. Em seguida, Mikhail Bakhtin considerou a língua um produto coletivo, ou seja, um fenômeno social, sempre apresentada dentro de um contexto ideológico. Portanto, para ele, a palavra é carregada de um conteúdo ideológico e seu sentido é determinado pelo seu contexto. Nessa concepção, a língua é uma atividade humana e histórico-social, ou seja, “a ação se realiza pela linguagem” (KOCH, 2003, p.11).

3.4 Funcionalismo

O Funcionalismo Linguístico surgiu a partir dos estudos dos membros do Círculo Linguístico de Praga, que trazem a noção de que a estrutura das línguas é determinada por suas **funções**. Segundo Neves (1997) o conceito de funcionalismo, em linguística, está ligado à escola de Praga, porém, com o passar do tempo, ele desenvolveu seus próprios pressupostos. Entretanto, para Lyons, “o funcionalismo é mais corretamente visto como um movimento particular dentro do estruturalismo” (LYONS, 1987, p. 207).

Na perspectiva funcionalista, a língua é vista como um instrumento de interação social e sua principal função é promover a comunicação, portanto, o estudo da estrutura da língua

deve levar em conta os aspectos do uso comunicativo da língua, a partir de sua realização em situações contextuais.

Para Neves (1997, p.16), uma "gramática funcional tem sempre em consideração o uso das expressões linguísticas na interação verbal, o que pressupõe uma certa pragmatização do componente sintático-semântico do modelo linguístico."

Logo, o funcionalismo se ocupa com a abordagem dos fatos a partir da linguagem em uso, fazendo uma análise das condições discursivas, partindo da pragmática da língua para explicar os fenômenos linguísticos.

Com o passar dos anos, o ensino de Língua Portuguesa, vem, gradativamente mudando seu foco, nas últimas décadas. Durante muito tempo, as aulas se basearam no ensino da gramática normativa como a única forma de propagar os conhecimentos de língua materna, mas com a difusão dos estudos linguísticos e das disciplinas afins, vêm ocorrendo alterações importantes na sua forma e metodologia, adequando-se às novas propostas de ensino.

Assim, da preocupação com caráter e função social da linguagem (diferenças de classe, sexo, educação e idade) que determinam as variações linguísticas dentro de uma língua surge a Sociolinguística.

Atualmente, a Linguística permanece em contínua renovação que permite aos linguistas desenvolver estudos com interesses além dos tradicionais. Por exemplo, a Psicolinguística, a Pragmática, a Análise do Discurso, a Sociolinguística, a Linguística Textual e a Semântica, que a partir de perspectivas diferentes, contribuem para a descrição dos elementos fenômenos linguísticos.

Desde os tempos de Ferdinand de Saussure, o conceito de significado está no centro da reflexão linguística. Foi assim que surgiu um ramo próprio para seu estudo: a Semântica, que se ocupa com os sentidos adquiridos pelas palavras ou pelos seus agrupamentos.

Na próxima seção, faremos algumas considerações a respeito do estudo do significado, da história e o espaço da Semântica nas gramáticas normativas.

4 O ESPAÇO DA SEMÂNTICA NA GRAMÁTICA NORMATIVA

O que é significado? Essa questão vem sendo discutida há muitos anos e continua sendo controversa. Segundo Lyons (1987), a pergunta deveria ser: “qual o significado de ‘significado’?”. Ele ressalta que ao definir uma palavra o indivíduo pode optar por uma definição ampla ou restrita e que “a maioria das palavras corriqueiras não apresentam um significado bem delineado, ou sequer um conjunto de significados bem determinados, cada um nitidamente distinto do outro”. (LYONS, 1987, p.135) O estudo do significado é antigo, remota à época de Aristóteles. AZEREDO (2013) aborda o tema afirmando que

A atribuição de significado é o fundamento da orientação humana em qualquer situação. O que significa, por exemplo, um par de sapatos? Na sapateira, ao lado de outras espécies de calçado, é uma propriedade à disposição de seu dono para usos diversos: ir ao trabalho, a um passeio etc. Na vitrine da sapataria, é um objeto à venda; no acervo de um museu, seguramente é uma peça de valor histórico não mais destinada ao uso mas, transformada em objeto de apreciação.

A atribuição de significado é, portanto, um ato complexo que põe em jogo um ou mais sujeitos, uma situação ou um cenário, e um sistema de referências que esse(s) sujeito(s) traz (em) na memória. O ato de atribuir significado é sempre um ato de reconhecimento, um ato pelo qual encaixamos o objeto de nossa atenção em um sistema de referência no qual ele passa a ter função e... sentido, nada, portanto, ‘significa’ por si só. A atribuição e a troca de significados são o fundamento da vida em sociedade. É claro que a atividade cooperativa – e o processo comunicativo que ele implica – estão presentes em qualquer espécie de organização social, seja ela constituída por pessoas, morcegos ou formigas. (AZEREDO, 2013, p.39)

Atribuir sentido ao termo significado, portanto, não é tarefa fácil. Semanticistas estudam, discutem, e ainda não chegaram a um consenso. Todavia, não há dúvida da relevância do significado para a convivência em sociedade, pois ele está presente no processo comunicativo e se constitui de um atividade de cooperação.

4.1 Algumas considerações sobre a história da semântica

Segundo Tamba-Mecz (2006, p. 14), “três correntes teóricas puxaram a semântica em direções opostas”: a linguística comparada, linguística estrutural e a modelização das línguas. Dessa forma, a história da Semântica pode ser dividida em três períodos: evolucionista (1883

– 1931), misto (1931 – 1963) e das teorias linguísticas e do tratamento computacional (1960 – 1990).

No primeiro período, Evolucionista, o filólogo francês Michel Bréal fez uso da palavra “Semântica” para designar os estudos que ele realizava entre o corpo e a forma das palavras. É ainda considerado seu fundador, foi dele a ideia de aproximar a teoria de *mudança de sentido* ao novo conceito de *evolução* – estabelecido por Spencer e Darwin. Depois, o evolucionismo originou duas doutrinas contraditórias, dividindo as ciências em duas novas vertentes: as ciências naturais e as ciências históricas. Então, Bréal vinculou a semântica às ciências históricas. Para ele, a linguagem só acontece dentro da atividade humana, já Meillet defendeu sua vinculação às ciências naturais.

Foi Bréal quem observou a multiplicidade de sentidos de uma mesma palavra, a qual classificou com um nome que permanece até hoje, *polissemia*. Mas foi através da definição de Saussure, entre significante (a imagem acústica) e significado (o conceito), que os sentidos dos signos deixam de depender de um referente fora da língua (o "mundo real"). Para Saussure, o signo linguístico é arbitrário, pois o significante não busca obrigatoriamente através da palavra representar o objeto. A mudança no estudo da linguagem aconteceu no século XIX, com as ideias dicotômicas de Saussure.

No segundo período ocorrem simultaneamente o evolucionismo e o sincronismo, por isso também é conhecido como período misto. A semântica desse período “se caracteriza por sua orientação sistemática ou estrutural, sincrônica e lexical.” (TAMBA-MECZ, 2006, p.28). Temos assim uma abordagem sincrônica do sentido, mas levando em consideração as palavras e sua história.

Os estudos semânticos não pararam. Entre 1931 e 1934, Jost Trier teve a ideia do "Campo Semântico", que designa toda a área de significação de uma palavra, em outras palavras, trata-se do conjunto de palavras unidas pelo sentido. No entanto, nem toda palavra pode ser inserida em campos semânticos.

Outra corrente existente no segundo período foi a “análise sêmica”, cuja proposta é que o léxico seja constituído a partir de um número determinado de relações semânticas que introduzem a formação das unidades lexicais, de número infinito. Nascida a partir dos estudos de L. Hjelmslev, linguista dinamarquês.

Assim, esse período contribuiu para balizar o objeto da semântica ao léxico (entendido como uma teia de relações de sentidos) e ainda esclarecer a dificuldade de finalizar em si as estruturas lexicais.

Por fim, temos o terceiro período, das teorias linguísticas e do tratamento computacional, em que alguns trabalhos tiveram destaque em razão dos seus objetivos. O primeiro deles, a Semântica Formal situa a questão no patamar das relações entre sons e sentidos, formas e significado. Para ela, essas relações são verificadas sem considerar o contexto, dentro de uma teoria gramatical. Aproximando-se da lógica, utiliza algumas fórmulas de cálculos para precisar os significados linguísticos.

Entre 1980 – 1990 ocorre o surgimento de outras gramáticas que vão suscitar novas pesquisas semânticas. Com os estudos dos mecanismos cerebrais, decorrentes de avanços tecnológicos e da neurociência, surge a Semântica Cognitiva, preocupada com a natureza da mente, ou seja, com a forma como os conceitos estão estruturados na mente e como construímos o significado.

Com os estudos de Y. Bar-Hillel, a partir de 1954 surge a Pragmática, componente da semiótica fundamental, ocupa-se das relações dos signos com seus usuários. É da convergência das correntes lógico-pragmáticas e enunciativas que surge a semântica argumentativa, englobando as questões lógicas e as normas sociais que orientam os signos linguísticos.

Vale mencionar a semântica textual desenvolvida pela Análise do Discurso e pela hermenêutica de F. Rastier, “que ao distinguir uma microsemântica, uma mediossemântica e uma macrossemântica, propõe uma abordagem unificada de *diferenças*, de *referência* provinda de regras sistêmicas internas e de fatores externos, sócio históricos.” (TAMBA-MECZ, 2006, p.47)

4.2 Percurso da Semântica no Brasil

O primeiro livro de Semântica foi *Noções de Semântica* do linguísta brasileiro Pacheco Silva Júnior (1842-1899), publicado no ano de 1903. De acordo com Guimarães (2004), Pacheco Jr. em outra obra chamada *Grammatica Historica da Língua Portuguesa* (em parceria com Lameira Andrade) publicada em 1879, já abordava questões referentes à mudança de sentido das palavras e um estudo sobre as diferenças lexicais entre o português do Brasil e de Portugal. Em *Noções da Semântica*, o autor considera que a linguagem deve fazer parte de investigação histórica e não naturalista. Ele ainda postulava a Gramática como parte da Semântica e não o contrário, defendendo o posicionamento de que as mudanças linguísticas são resultantes da analogia.

Depois surge Said Ali que “submete a gramática descritiva científica à ciência da linguagem e à gramática histórica, deixando a gramática descritiva prática fora dessa vinculação.” (GUIMARÃES, 2004, p.68). Quanto ao estudo da significação, Said Ali escreveu a obra *Meio de Expressão e Alterações Semânticas*, cujo estudo da significação é de caráter lexical. Realizou estudo dos aspectos psicológicos, ampliando o espaço do indivíduo que fala enquanto sujeito da linguagem.

Em seguida, temos o linguísta e filólogo Francisco da Silveira Bueno com a obra: *Tratado de Semântica Geral Aplicada à Língua Portuguesa do Brasil* de 1947, que em 1960 recebe o título de *Tratado de Semântica Brasileira*, na qual aborda o estudo das alterações de sentido das palavras, apontando duas causas: históricas (os movimentos sociais do povo determinam mudanças no idioma) e psicológicas (o espírito humano descobre semelhanças no objeto). Ao justificar o título do livro, Bueno explica que a fala e a semântica estão relacionadas aos hábitos, costumes e contexto, por isso, a língua é portuguesa, mas a semântica é brasileira.

O linguísta Mattoso Câmara Jr. é o autor da primeira obra de linguística geral publicada no Brasil em 1941, o primeiro a realizar a gramática descritiva. O autor trata a semântica como o estudo do sentido das palavras, que pode até ser histórica. Também é importante mencionar que para ele a língua é parte da cultura, que se diferencia do todo, por isso há povos que possuem a mesma língua, porém culturas diferentes. (GUIMARÃES, 2004).

4.3 Vertentes Semânticas

Sobre o significado, Chierchia (2008) apresenta três abordagens, que foram surgindo ao longo da história. Sinteticamente, apresentamos a teoria do autor:

Abordagem representacional: ou mentalística, o significado é essencialmente um modo pelo qual representamos mentalmente a nós mesmos o conteúdo daquilo que se diz. [...] A mente deve ter um dispositivo gráfico interno através do qual os objetos podem ser deslocados, rotacionados, ampliados, e assim por diante. [...] O significado de uma expressão reside no conceito ou pensamento que associamos a ela. [...]

Abordagem pragmático-social: qualifica o significado como uma práxis social, assimilando-o à maneira como as expressões são usadas. [...] As ações podem ser estudadas identificando-se as condições que permitem que sejam levadas a termo apropriadamente. [...] não há dúvidas de que para conhecer o significado de uma palavra é preciso enfronhar-se na história da comunidade linguística que a usa. Também é verdade que palavras e sintagmas podem ser usados de maneira muito diversificada, e quase sempre o são.

Abordagem denotacional: aquilo que chamamos informalmente de significado de uma sentença consiste nas condições em que ela é verdadeira; estas condições dependem da referência dos termos de que a sentença é constituída. Entender o significado da sentença *Pavarotti vê Clinton* é entender em que condições é verdadeira. (CHIERCHIA, p. 40-47)

Existem diferentes Semânticas, de acordo com aquilo que se considera no corpo teórico como significado. Muitas são as discussões em torno do conceito, o que acabou gerando várias concepções de semânticas. Cada uma privilegia alguns aspectos envolvidos na análise do significado e cada uma tem seus limites.

Para Ferrarezi, existe uma linha divisória entre sentido e significado. Sendo o significado

[...] um objeto ainda desconhecido em sua totalidade, mas concebido como tendo natureza neurológica, um objeto de nível da cognição pura. O significado é visto como aquilo que é cognitivamente ativado pela linguagem no nível neurológico. Por sua vez, os sentidos (que são as manifestações linguísticas do significado) podem ser definidos como: as pontes que fazem a ligação entre os sinais mais próprios da língua (sons na forma de palavras e de melodias entonacionais), os sinais de natureza estritamente gramatical (morfologia e ordem) e os outros sinais adotados como pertinentes no processo de comunicação (como o aparato gestual entre os outros elementos significativos do processo de enunciação) e os elementos e eventos dos mundos que são representados pela língua. Na verdade, cada sentido é composto por um conjunto de traços de significado culturalmente construídos, atribuídos e relevantes para uma comunidade, que esta mesma comunidade utiliza para fazer representar, por meio de sinais, os elementos ou eventos de um mundo qualquer. (FERRAREZI JR., 2005, p. 40; cf. 2008, p. 22)

Portanto, de acordo com o autor, a Semântica é um estudo ligado aos fatos culturais, os quais são representados pela língua natural e deverá explicar como os sistemas linguísticos conseguem, de diversas maneiras, utilizar o sentido para ativar significados de representação de mundos no qual são intermediários.

A Semântica Formal, por exemplo, tem por objetivo fornecer as condições de verdade das sentenças de uma dada língua, enquanto a Semântica Cognitiva contempla toda a riqueza do entendimento que o falante deseja transmitir e do entendimento que o ouvinte constrói a partir do seu interlocutor. Ela ainda se preocupa com a natureza da mente, ou seja, com a forma como os conceitos estão estruturados na mente e como construímos o significado.

A Semântica Lexical “estuda o significado das palavras e a sua relação com outros níveis linguísticos – outras *palavras e sentenças*” (WACHOWIKZ. In: BASSO; FERRAREZI JR. 2013, p.153). É uma das vertentes relativas aos estudos de sentido. Essa teoria pertence à semântica estruturalista trata da linguagem sem considerar o mundo real.

O matemático e filósofo alemão, Friedrich Ludwig Gottlob Frege é considerado, o maior lógico de todos os tempos. Fundador da lógica simbólica moderna, seguindo do princípio que a matemática é redutível à lógica. Frege realizou um trabalho envolvendo semântica e epistemologia, utilizando os sinônimos e a possibilidade de uma pessoa não identificar uma relação de sinonímia.

Frege acrescentou à questão do significado uma abordagem ligada com a lógica. Estabelecendo o significado da sentença às condições de verdade, ao mesmo tempo em que estudava o significado lexical de maneira isolada. Identificava o que era pressuposto ou subentendido nas orações, verificando as marcas linguísticas da sentença.

Na relação entre léxico e estruturas sintáticas, a informação semântica do item provoca em certa medida restrições gramaticais. Este é o objeto de estudo da semântica lexical. O trabalho, à já mencionada semântica, exige o conhecimento de uma nomenclatura específica.

Com a necessidade de entender as peculiaridades que envolvem o estudo dos significados e sentidos, foram se constituindo os vários tipos de semânticas. Dessa maneira, temos linhas que se ocupam com os mais diferentes aspectos em relação ao sentido, vejamos de forma sintética como isto se realiza, através do quadro a seguir, elaborado a partir do livro de Basso e Ferrarezi Júnior (2013).

Figura 3 – Tipos de Semânticas

DENOMINAÇÃO	CONCEITO	PRINCIPAIS TEÓRICOS	O QUE ESTUDA
Semântica Lexical	Ocupa-se do significado das palavras e sua relação com outros níveis linguísticos - outras palavras e sentenças.	Vedler (1967), Dowty (1979), Bertinetto (2001), Moens e Steedman (1988).	A relação entre léxico e estruturas sintáticas.
Semântica da Enunciação	Há no mínimo três definições: Semântica da Enunciação, Teoria da Enunciação e Linguística da Enunciação.	Oswaldo Ducrot, Michel Bréal, Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin.	O enunciado como fonte prioritária da informação a ser transmitida.
Semântica Cultural	Estuda a relação entre os sentidos atribuídos às palavras ou demais expressões de uma língua e a cultura em que essa mesma língua está inserida.	Humboldt, Vossler, Círculo de Bakhtin, Franz Boas e Benjamin L. Whorf.	A formação e a atribuição de sentidos na relação entre uma língua e a cultura em que essa mesma língua é utilizada.
Semântica dos Protótipos	Constituiu um desenvolvimento teórico dentro do paradigma da linguística cognitiva, tendo sido assim	Georges Kleiber (1990, 1991), George Lakoff (1987) Eleanor Rosch (1973, 1975, 1978) e Brent Berlin (1974).	Costuma-se observar fenômenos semânticos à significação referencial do léxico.

	estendida à análise léxica e semântica.		
Semântica formal	Utiliza a linguagem lógica-matemática para verificar na sentença as condições de verdade.	Gottlob Frege (1948-1925), Bertrand Russell (1878-1970) e Barbara Partee.	Tem por objetivo fornecer as condições de verdade das sentenças de uma dada língua.
Semântica computacional	A semântica é um estudo de como as palavras, frases, e até mesmo os símbolos e os sinais dizem respeito a outra para formar significado estruturado.	Luiz Arthur Pagani (2011), Renata Vieira e Vera Lúcia Strube de Lima (2001), Gazdar e Mellish (1989).	Estuda a distinção entre “o que” e “como” aparece não só na Linguística, mas também na Computação.
Semântica Cognitiva	Estuda os sistemas conceituais, significados e inferência humanos.	Wallace Chafe, Charles Fillmore, George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy e Gilles Fauconnier, entre outros.	Volta atenção especificamente ao dinamismo mental no processo de construção do pensamento.
Semântica Argumentativa	Contempla uma abordagem onde a intencionalidade do falante denota a significação contida na mensagem.	Marion Carel – Oswald Ducrot – Ferdinand de Saussure	O sentido construído pelo linguístico, ou seja, o sentido construído pela relação entre as palavras, enunciados, discursos.

Fonte: Adaptação de um quadro produzido coletivamente pela turma do Mestrado em Letras 2012, para a disciplina de Semântica, a partir do conteúdo do livro “Semântica, Semânticas - Uma Introdução”, 2013.

A linguística traz uma conceituação de Semântica bem diferente daquelas tradicionalistas. Não se pode entender que a Semântica trata apenas do estudo do significado das palavras e das sentenças, é preciso que ampliemos essa noção. De acordo com Cançado (2008, p.17) “a semântica lida com a interpretação das expressões linguísticas, com o que permanece quando certa expressão é proferida”. No entanto, em alguns casos separar a Semântica da Pragmática (ou contexto) é tarefa impossível.

No decorrer da tradição gramatical, costumou-se explicar a evolução dos sentidos das palavras, recorrendo à etimologia, voltando-se preferencialmente à questão semântico-lexical, raramente apontando para uma semântica em contextos mais abrangentes como a sentença, texto ou discurso.

De acordo com Possenti (2014), “não há como ter acesso às coisas a não ser por meio das palavras”, portanto, não há como estudar questões como a relação entre língua, cultura, linguagem e ideologia, sem considerar o contexto sociocultural.

Então, baseada nos conceitos de que língua é uma expressão cultural, tem-se a Semântica de Contextos e Cenários (SCC) que é uma corrente semântica recente. De acordo

com Ferrarezi Júnior (2008, p.23) a SCC “estabelece uma relação obrigatória entre a língua e a cultura, sem a qual não podem ser formados os sentidos e sem o qual os sentidos não podem ser associados às palavras ou outros sinais usados nessa representação”. É pertinente ressaltar as palavras do autor “Não se trata exatamente de uma Semântica Argumentativa ou Cognitiva ou Formal ou qualquer outra, puramente, trata-se de todas elas ao mesmo tempo: livre e sem preconceitos teóricos”. (FERRAREZI, 2008, p.11)

Dentro dessa perspectiva, a construção de sentidos de uma palavra é resultante de um conjunto de dados culturais do falante e de sua comunidade, que interagem num espaço cultural. Assim, não faz sentido dizer que falamos português, segundo Ferrarezi Júnior (2008, p. 25): “na verdade, falamos o brasileiro, um sistema linguístico que funciona na(s) cultura(s) brasileira(s), como espaço interativo de brasileiros”.

A associação de sentido, portanto, é realizada por um processo que ocorre durante a comunicação e segue o princípio da especificação no qual o sinal (a palavra ou demais elementos representativos) se especializa num contexto (o que vem antes e depois da palavra) que por sua vez se especializa no cenário (que é constituído pelos conhecimentos culturais).

Existem ainda dois outros princípios que devem ser levados em conta na perspectiva da SCC: o princípio de monitoramento e da ciclicidade e recursividade. O primeiro se refere ao fato de que em um processo comunicativo o falante está monitorando constantemente o cenário, visando sempre a compreender o interlocutor; o segundo diz respeito à especialização de sentidos de forma cíclica, relacionando sinais, contextos e cenários.

Ferrarezi Júnior (2008) enumera alguns benefícios da utilização da SCC na prática docente de ensino de língua materna:

- O aluno passar a ver sua própria língua tratada em sala de aula e também a outra realidade linguística que ele pode aprender;
- O aluno se sentirá valorizado ao constatar que sua língua e cultura são objetos de interesse da escola;
- O aluno terá uma maior compreensão dos fenômenos linguísticos, aprendendo outras variantes linguísticas, deixando de ter uma visão preconceituosa;
- Possibilitar uma aprendizagem mais prazerosa vista a compreensão da “língua” e seu funcionamento.

Não seria o caso de levar para sala de aula do ensino básico o estudo complexo da Semântica e suas vertentes, mas de trabalhar não apenas a Morfologia e a Sintaxe, e sim oferecer espaço maior ao estudo da significação, que muitas vezes é mínimo. Segundo Ilari,

O tempo dedicado a esse tema é insignificante, comparado àquele que se gasta com “problemas” como a ortografia, a acentuação, a assimilação de regras gramaticais de concordância e regência, e tantos outros, que deveriam dar aos alunos um verniz de “usuário culto da língua”. Esse descompasso é problemático quando se pensa na importância que as questões da significação têm, desde sempre, para a vida de todos os dias, e no peso que lhe atribuem hoje, com razão, em alguns instrumentos de avaliação importantes, tais como o Exame Nacional do Ensino Médio, os vestibulares que exigem interpretação de textos e o Exame Nacional de Cursos (ILARI, 2001, p.11).

O reflexo desse descompasso se reflete nas notas obtidas nos exames mencionados e nas dificuldades dos alunos em resolver exercícios que exijam deles interpretação de texto.

O estudo do significado não é assim tão exato. Os próprios linguistas divergem de opinião. Para alguns o significado está relacionado à noção de referência, isto é, relação entre as palavras; para outros o significado resulta de uma representação mental.

Muitas vezes achamos que sabemos o significado de determinada palavra, porém ao tentar identifica-lo precisamente, não conseguimos. Cançado (2008, p.57) nos fala que “isso se deve ao fato de o significado, na maioria das vezes, estabelecer-se a partir de um determinado contexto”. Tornando-se mais fácil definir uma palavra, se ela estiver no contexto de uma sentença, pois o contexto pode determinar diferenças nos significados das palavras.

Vejamos as principais propriedades semânticas traçadas que comumente aparecem nas gramáticas tradicionais; sinonímia, antonímia, hipo-nímia, ambiguidade (homonímia e polissemia). Além de outros fenômenos semânticos como o acarretamento, a pressuposição e implicatura conversacional.

O foco da questão está em entender o que os ouvintes podem inferir sobre os estados e os processos cognitivos. As representações mentais, dos falantes. As pessoas se entendem porque são capazes de reconstruir as representações mentais nas quais as outras se baseiam para falar. O sucesso da comunicação depende apenas em partilhar representações e não, fazer a mesma ligação entre as situações do mundo e as expressões linguísticas. (CANÇADO, p.24, 2008)

Portanto, o significado é resultante da interação entre a forma linguística de um enunciado e o contexto onde ele é utilizado. Como podemos perceber no enunciado muito citado por linguistas: “A porta está aberta.” Esse enunciado traz um significado claro de que uma porta está fisicamente aberta. No entanto, em outros contextos comunicativos, poderá apresentar outros sentidos, como por exemplo:

- A porta está aberta. (= Você pode entrar → contexto: alguém bateu à porta).
- A porta está aberta. (= Estamos contratando funcionários → contexto: entrevista de emprego).

- A porta está aberta. (= Pode sair → contexto: uma discussão).
- A porta está aberta. (= Feche a porta, que está frio → contexto: forma de pedir algo a alguém).
- A porta está aberta. (= Cuidado, alguém pode nos ouvir. → contexto: conversa sigilosa).

Assim, é importante entender como os sentidos são constituídos e como eles se associam às palavras do sistema linguístico.

4.4 Os fenômenos semânticos

Entre outras funções, a linguagem pode designar ações como declarar, informar, ordenar, perguntar, batizar, sugerir, autorizar, mostrar perplexidade etc.

Austin, filósofo inglês, utilizou as palavras: *performativo* e *constativo* para designar os níveis que o ato comunicativo pode apresentar, sendo o primeiro utilizado ao uso das expressões que levam à realização de ações e o segundo se refere ao uso que fazem simples relato (narração). (ILARI & GERALDI, 1987, p.72)

Por exemplo:

a) Quero este batom.

b) Ontem, Carina foi à loja O Boticário e escolheu um lindo batom da linha *Make B*.

Em (a) temos o uso performativo e em (b) o constativo.

Porém, a expressão “atos de fala” é mais abrangente do que a ideia de que a linguagem possibilita praticar ações. As análises semânticas das orações constativas baseiam na condição de verdade do sentido da oração. Porém, nas orações performativas, para dar conta da significação, é insuficiente a noção de condições de verdade. O enunciado performativo não é em si nem verdadeiro nem falso, é um ato que se realiza verbalmente.

4.4.1 Sinonímia

Conceituar sinonímia, embora pareça ser uma tarefa fácil, é uma questão complexa, que incomoda estudiosos da linguagem há muito tempo. Segundo Ilari & Geraldi (p. 42, 1987), sinonímia é a identidade de significados. A sinonímia lexical leva em conta a relação entre palavras e pressupõe alguns requisitos. Além de terem o mesmo referente, o par de palavras precisa ter o mesmo sentido para serem sinônimas. Portanto, ambas têm de ser

verdadeiras, ou ambas falsas em determinadas circunstâncias; é necessário que as duas palavras tenham o mesmo sentido, em todos seus empregos; além de poderem ser trocadas na frase sem que se altere a condição de verdade ou falsidade e ainda, ela depende do contexto em que é utilizada. Por último, a palavra sofre especificações de uso. Observe os exemplos:

- a) Ela secou o cabelo antes de sair.
- b) Ela enxugou o cabelo antes de sair.

Nas sentenças acima, as palavras “secou” e “enxugou” denotam o mesmo sentido. Ambas podem ser trocadas sem que se altere a condição de verdade. Nas duas sentenças se encaixam ao contexto e seguem a especificação de uso. É preciso considerar que as expressões sinônimas são resultantes da escolha do falante, que entre as várias possibilidades selecionam aquelas mais adequadas a sua finalidade.

A sinonímia estrutural diz respeito a construções estabelecidas mediante a estrutura gramatical das sentenças que envolvem os seguintes aspectos: voz ativa/passiva, comparativo de igualdade (superioridade e inferioridade), uso dos verbos ter/ser, formas nominalizadas, sentenças com “mesmo”. E a escolha de uso desta ou daquela foram estrutural vai depender também das intenções do falante.

4.4.2 Antonímia e contradição

É comum a definição de antonímia como sendo palavras de sentidos opostos ou contrário, exemplificadas com palavras como: quente/frio, céu/terra, morto/vivo, branco/preto etc. Porém, os sentidos das palavras podem se opor de várias formas, tendo em vista que existem palavras que não possuem um oposto verdadeiro. São três tipos básicos de antonímia. O primeiro tipo são antônimos binários, cuja relação entre duas sentenças são de incompatibilidade ou a negação de uma das sentenças. Por exemplo:

- morto/vivo

Quando se fala que alguém está morto, evidentemente, alguém não está vivo e vice-versa. Esses antônimos podem se combinar, formando um antônimo complexo de quatro contrastes. Por exemplo:

- homem/menino x mulher/menina

Assim, homem pode fazer oposição a menino, mas também a mulher ou menina, possibilitando quatro combinações.

O segundo tipo de antônimo é chamado de inverso. Ocorre quando a relação entre duas coisas ou pessoas é descrita por uma palavra e essa mesma palavra relação permanece, porém em uma ordem inversa. São exemplos:

- pai/filho

Se João é pai de Pedro, então Pedro é filho de João; ocorre a mesma relação em ordem inversa.

O terceiro tipo é o gradativo. As antônimas gradativas ocorrem quando as palavras denotam oposição em uma escala de valores. Desse modo, a negação de uma das palavras não torna a outra verdadeira. E a escala de valores vai variar conforme o contexto de uso. Vejamos um exemplo:

- quente/frio

Afirmar que uma coisa não é quente, não implica que ela seja fria: pois ela pode ser morna. Ou ainda uma mesma temperatura considerada fria por um morador do norte do Brasil, pode não ser considerada fria por outro morador da região sul do Brasil.

Ampliando a ideia de antonímia, isto é, a oposição de sentidos para as sentenças tem-se a contradição, que está vinculada à noção de acarretamento. Para que duas sentenças sejam contraditórias é necessário que os fatos descritos pela sentença não sejam compatíveis simultaneamente e nem nas mesmas circunstâncias no mundo. Observe:

a) Francisco matou Sebastiana.

Acarreta que Sebastiana foi morta por Francisco.

b) Francisco matou Sebastiana, mas Sebastiana não foi morta por Francisco.

Quando junta-se a sentença (a) com sua negação ela é contraditória, ou seja, não existe como uma situação possível no mundo, o fato descrito por (b).

Apesar de exprimir situações impossíveis de acontecer ao mesmo tempo no mundo, a contradição pode ser utilizada como um instrumento do discurso. Algo que é contraditório pode servir para comunicar algo extralinguístico, que possa ser inferido de acordo com o contexto. Por exemplo:

- Vagner é bonito?

- Ele é e não é.

Nas sentenças acima, a contradição pode ser compreendida como: Vagner é bonito em alguns aspectos, mas em outros não. Isso se deve à imprecisão semântica da palavra “bonito”.

4.4.3 Hiponímia

A hiponímia pode ser definida como relação estabelecida entre palavras, com sentido mais específico e expressões mais genéricas. De acordo com Cançado (2008) “o item lexical mais específico, que contém todas as outras propriedades da cadeia, é chamado de hipônimo; o item lexical que está contido nos outros itens lexicais, mas não contém nenhuma das outras propriedades da cadeia, o termo mais geral, é chamado de hiperônimo”. (CANÇADO, 2008, p.26).

Por exemplo: passarinho, galinha, pato, ema, avestruz, pombo etc. e aves. A relação assim estabelecida é assimétrica, pois o hipônimo contém o seu hiperônimo, mas o contrário não é verdadeiro. Portanto, pode-se dizer que a galinha é uma ave, mas nem toda ave é uma galinha.

4.4.4 Ambiguidade

A ambiguidade costuma ser definida em muitas gramáticas como sendo palavras de duplo sentido. Entretanto, muitas vezes, o que possibilita as diferentes interpretações de uma dada expressão é sua estrutura sintática. A ambiguidade pode ainda surgir devido ao uso de palavras homônimas. A ambiguidade pode ser polissêmica ou estrutural. No primeiro caso, deve-se à possibilidade de os vocábulos apresentarem mais de um significado; no segundo, ela se prende a problemas de construção. Vejamos alguns exemplos:

- a) Sergio pediu a Fred para sair.
- b) Marcos estava esperando-me no banco.

No exemplo (a), o verbo “pedir” possui um único sentido, a ambiguidade aí reside no aspecto sintático, pois o verbo *pediu* tem um sujeito explícito na oração enquanto o sujeito do infinitivo *sair* está implícito, pode ser tanto Sérgio quanto Fred.

Na sentença (b) a palavra “banco” *, pode ter dois sentidos diferentes: estabelecimento bancário ou assento sem encosto ou braço.

4.4.5 Homonímia

Quando uma única forma da palavra possui sentidos completamente diferentes temos uma homonímia. Quando as palavras possuem uma única forma escrita, mas sentidos diferentes são chamadas de homógrafas. Existem ainda homonímias que não possuem a mesma grafia. Veja:

- (a) Tirei a manga da camiseta, pois estava muito apertada.
- (b) Gosto de comer manga verde com sal.
- (c) Voto na 22ª seção da 2ª eleitoral.
- (d) Vamos assistir ao filme da sessão das 22h.

Em (a) e (b) temos exemplos de homônimas homógrafas, pois a palavra “manga” possui a mesma escrita nas duas sentenças, mas sentidos diferentes. Em (a) trata-se de parte de uma peça do vestuário, no exemplo (b) refere-se a uma fruta.

As palavras “seção” e “sessão” utilizadas nas sentenças (c) e (d) são homônimas que não possuem a mesma grafia, porém a pronúncia é a mesma. Apesar do sentido delas serem diferentes.

4.4.6 Polissemia

Embora homonímia e polissemia lidem com os vários sentidos para uma mesma palavra, trata-se de fenômenos diferentes. Para que ocorra polissemia é necessário que haja alguma relação de sentidos entre os possíveis sentidos da palavra ambígua. Por exemplo:

- (1) rede de deitar, rede elétrica, rede de computadores

A palavra “rede” pode ser entendida como entrelaçamento de alguma coisa nos três sentidos em (1). Para estabelecer essa relação, basta acionarmos nossa experiência linguística de falantes da língua.

4.4.7 Implicatura

Implica que a derivação do sentido da oração perpassa necessariamente pelo *contexto conversacional*. Ela se difere das pressuposições, visto que a primeira está fora do texto e a segunda faz parte do sentido literal das frases. Observe:

- a) Você vai à academia hoje?

b) Caramba, está caindo um temporal!

Implicatura: (b) Não vai à academia.

Dentro desse contexto conversacional, a resposta de (b) pode ser considerada uma negativa para a pergunta de (a), fora dele, não há garantias de que a oração (b) seja entendida da mesma maneira.

Por isso, para alguns autores interpretar “é, sempre, entre outras coisas, reconhecer uma intenção, as intenções é que contam, e o sentido literal só existe como uma hipótese, ou melhor, como uma construção *a posteriori* do analista”. (ILARI &GERALDI, 1987 p.77).

4.4.8 Pressuposição

Segundo Ilari & Geraldi (1987, p.76) "em algum sentido, as pressuposições não fazem parte do conteúdo acertado; entretanto, é preciso salientar que no processo pelo qual somos levados a compreender um conteúdo pressuposto, a estrutura linguística nos oferece *todos* os elementos que nos permitem derivá-lo”, envolvendo, portanto, questões semânticas e pragmáticas em sua conceituação. Exemplo:

a) Maria parou a dieta.

b) Maria não parou a dieta.

c) Maria parou a dieta?

d) Se Maria parou a dieta...

É correto afirmar que todas as sentenças acima partilham um conteúdo: Maria estava fazendo dieta. Temos que tomar como verdade a informação anterior a todas essas sentenças que “Maria estava fazendo dieta”, que é uma informação extralinguística envolvida nas sentenças, anterior a proferida em (1), aspecto pragmático. Contudo essa pressuposição só é possível a partir da própria sentença (1), aspecto semântico.

4.4.9 Acarretamento

O acarretamento envolve, especificamente, o conhecimento semântico, é uma relação entre duas sentenças, em que o valor de verdade da segunda depende da primeira. Vejamos estas duas sentenças:

a) João bateu o *HB 20*.

b) João bateu o carro.

A relação de acarretamento entre (a) e (b) decorre do uso das palavras “HB 20” e “carro”, por uma relação que em semântica é chamada de hiponímia (relação de sentido entre expressões mais genéricas com expressões mais específicas). Observe que o falante que afirma (a) aceita a verdade de (b).

4.4.10 Metáfora

Consiste na utilização de uma expressão de sentido costumeiro em uma comunidade de falantes com outro sentido, diferente daquele já convencionado, mesmo que não exista expressão específica. Essa transposição de sentidos ocorre por critérios culturais. Segundo Ferrarezi (2008, p.201) uma das funções da metáfora é “suprir a necessidade de expressar sentidos para os quais não há expressões específicas e costumeiras na língua”.

As categorias apresentadas poderiam ser fartamente exploradas, didática e pedagogicamente, nas GN e, conseqüentemente, nas salas de aula. Oliveira (2014, p.169), abordando a temática da relevância da Semântica para a formação do leitor, diz:

Não oportunizar aos estudantes momentos de reflexões sobre a aprendizagem de categorias semânticas contribui negativamente para o desenvolvimento da sua competência leitora. [...] Se o professor de português quiser ajudar seus alunos a se tornarem leitores críticos, ele não poderá deixar de trabalhar com as categorias semânticas [...] e provocar reflexões a partir dos textos que circula na nossa sociedade.

As aulas de LP podem proporcionar momentos de interação e contribuir, efetivamente, para que o educando faça diversas leituras com criticidade. Assim, a presença da Semântica no ensino de Língua Portuguesa tem como objetivo desenvolver a competência linguística e comunicativa do aluno, através da reflexão sobre os recursos semântico-expressivos da língua, esclarecendo sobre os mecanismos de funcionamento da língua.

5 COMPARAÇÃO DOS DADOS

Para a análise das gramáticas selecionadas, apoiamo-nos em Bardin (2009), a qual propõe a categorização como

Uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão das características comuns destes elementos. (BARDIN, p.117, 2009)

Sendo assim, buscamos sintetizar os conceitos apresentados pelas respectivas gramáticas, identificando quais fenômenos semânticos são apresentados pelos autores e comparando as abordagens apresentadas.

5.1 Categorias de Análise

Foram criadas as seguintes categorias: i. A definição de língua; ii. As propostas apresentadas no prefácio e na divisão dos conteúdos; iii. A estruturação de cada GN e o espaço que é destinado à Semântica iv.

5.1.1 Definição de Língua

Realizamos o estudo das GN selecionadas, verificando, inicialmente, sua estrutura, identificando as definições de Linguagem e Língua nela veiculadas.

Figura 4 – Definição de língua

AUTOR	DEFINIÇÃO DE LÍNGUA
Evanildo Bechara (1983)	“A língua é um sistema de símbolos arbitrários com que um grupo social se entende.”.
Evanildo Bechara (2001)	A língua é como um produto cultural histórico.
Napoleão Mendes de Almeida (1983/1992)	Língua é um conjunto de palavras, ou melhor, a linguagem própria de um povo.
Mauro Ferreira (1992/2007)	Não define.
Celso Ferreira Cunha (1994)	Não define.

Fonte: A pesquisadora

Figura 5 – Definição de língua (Continuação)

AUTOR	DEFINIÇÃO DE LÍNGUA
Carlos Henrique da Rocha Lima (1998)	“A língua é um sistema: um conjunto organizado e expositivo de relações, adotado por determinada sociedade para permitir o exercício da linguagem entre os homens”.
Pasquale Cipro Neto / Ulisses Infante (2003)	“A língua é de um sistema de signos convencionais usados pelos membros de uma mesma comunidade”.
Laiz Barbosa de Carvalho (2006)	“Língua é um sistema constituído de palavras e regras que se combinam entre si para formar frases em uma situação de troca de comunicação.”
Roberto Melo de Mesquita (2007)	“Língua é um código, ou seja, um conjunto de elementos e de regras combinatórias que possibilita a troca de infinitas informações. Conhecida e utilizada por um grupo social a todo o momento...”
William Roberto Cereja e Thereza Cochar (2013)	“A língua é um sistema de signos, regido por regras socialmente constituídas, utilizadas pelos falantes em suas interações sociais.”

Fonte: A pesquisadora.

Através das definições de língua são identificadas aproximações em relação com a concepção estruturalista, que concebe a língua como um sistema homogêneo. Os traços do estruturalismo podem ser identificados nas definições de Lima (1998), que considera a língua um conjunto organizado de relações, utilizado por uma sociedade para exercitar a linguagem entre as pessoas. Também na definição de Almeida (1983, 1992), que não admite a existência das variedades da língua portuguesa. Para ele existe uma única forma que deve ser falada por todos.

Essa concepção ainda pode ser identificada em outras gramáticas, como a de Cipro Neto e Infante (2003), na qual os autores conceituam a língua como sistema de signos que é convencionalizado e empregado por determinado grupo social. Assim a comunicação só seria possível se o indivíduo possui internalizado o domínio das regras de funcionamento do sistema.

Numa outra vertente temos Carvalho (2006), Mesquita (2007) e os autores Cereja e Cochar (2013) que consideram o aspecto dialógico da linguagem e da interação verbal correspondente à concepção funcionalista.

5.1.2 As propostas (prefácio, apresentação e divisão)

5.1.2.1 Década de 1980: Evanildo Bechara e Napoleão de Almeida

Para Evanildo Bechara (1983), cabe à gramática registrar os fatos da língua padrão, estabelecendo como se fala e escreve bem uma língua. E o gramático não é um legislador, seu trabalho é registrar os fatos linguísticos da língua padrão na sua época. No prefácio, Bechara homenageia Said Ali que fora seu mestre, oferecendo a obra como lembrança ao centenário de sua morte.

No prefácio de sua gramática, Napoleão de Almeida (1983), enumera o objeto, o método e a maneira de aprender como uma das principais diferenças entre fato linguístico e fato histórico. Este se impõe, aquele se expõe. Para ele, a gramática deve ser estudada integralmente e não dividida em partes, nem em níveis elementar e superior, pois, “um dos maiores empecilhos, se, não o maior à eficiência do ensino da língua portuguesa tem residido na complexidade e falta de padronização da nomenclatura gramatical em uso nas escolas e na literatura didática” (ALMEIDA, 1983, p.5). E acrescenta que isso se deve a modificações na gramática regulamentada por meio de portarias (como a publicada no Diário Oficial de 11/03/1959), cujos interesses editoriais (referindo-se indiretamente a Antônio Houaiss, um dos membros da comissão) estariam sendo favorecidos, acrescentando que antes mesmo da publicação da portaria já estariam circulando uma gramática com as reformas pretendidas, substituindo, no título, a palavra “tradicional” por “moderna”.

Almeida, diferentemente de Bechara, traz em sua gramática questionários e exercícios. Ele organiza a divisão de sua gramática em três partes: Fonética, Morfologia Etimologia e Sintaxe. Alguns fenômenos semânticos são abordados dentro da Morfologia como homonímia, paronímia, sinonímia e antonímia, já a metáfora é apresentada no capítulo denominado Etimologia.

Os exercícios propostos na Gramática de Almeida (1983 e 1992) se caracterizam por atividades que visam retomar o conteúdo estudado, relembrar conceitos estudados e a correção vocabular, sem propor nenhuma reflexão.

Figura 6 – Atividade da GN2

QUESTIONÁRIO

1 – Faça um quadro sinótico da *analogia vocabular* – Dê a definição e alguns exemplos das várias divisões.

2 – Corrija os seguintes textos:

- a) Minha boa e inolvidável amiga! Não tenho palavras para agradecer-te os momentos de imenso prazer que me alegrastes a tarde de domingo. Creias que nunca, nunca, senti-me tão feliz. Receba o coração da tua companheira.(tratamento: *tu*)
- b) Habituei-me as preciosas lições de meu pai, onde sempre deparei com exemplos morais admiráveis (*sic*)
- c) A leitura que mais prefiro? Os artigos do Dr. X. um membro da academia.
- d) Aqui tem coisa! Ia dizendo de si para si.
- e) A questão que me propuseste é difícilima. Você pensa que eu sei muito, mas eu nunca te disse isso;
- f) Ernestina, fizestes dois erros. Como uma coisa tão simples te passou despercebida?
- g) Não comprai seda antes de verem os nossos. (tratamento: vós)

Fonte: ALMEIDA, 1992, p. 370-371.

5.1.2.2 Década de 1990: Ferreira, Almeida, Cunha e Lima

Embora separadas por quase uma década, na Gramática de Almeida (1992) não encontramos diferenças em relação à edição anterior (1983), percebemos que continua estruturalista, tendo em vista que não considera as variedades linguísticas, os aspectos históricos, culturais e sociais da língua, que em seu ponto de vista, é um objeto autônomo.

Outro Gramático analisado Ferreira (1992) não expõe de forma alguma sua gramática, não há prefácio, na curta apresentação apenas dispõe como está estruturada a obra, sem abordar questões como concepção de língua, linguagem ou gramática. Traz exercícios, tanto com questões analíticas como com os testes de vestibulares.

Cunha (1994) propõe apresentar em sua gramática as características do português contemporâneo culto, bem como a língua tem sido utilizada por escritores brasileiros e portugueses a partir do Romantismo até a atualidade, ou seja, é bastante tradicionalista, pois ele acredita que as regras da gramática normativa fundamentam-se nas obras dos grandes escritores, cuja linguagem representa o ideal de perfeição.

5.1.2.3 Década de 2000: Bechara, Pasquale & Ulisses, Carvalho, Ferreira e Mesquita

Bechara (2001) aborda algumas mudanças sobre o conceito de língua, por exemplo, é ampliado em dois aspectos: histórico e funcional. Temos nesta edição uma extensa introdução em que são abordados: a história da língua portuguesa, a linguagem e suas dimensões universais, a histórica e funcional, estratos gramaticais, tipos de gramáticas, dialetos entre outros. Sinalizando uma possível influência dos estudos linguísticos em que a variedade linguística é considerada e também o discurso, mas ainda não apresenta exercícios.

Para Pasquale & Ulisses (2003) a gramática é um instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua. Os autores esclarecem “que é a Gramática Normativa que estabelece os padrões de certo e errado para as formas do idioma”. (PASQUALE & ULISSES, 2003, p.9). Apresenta atividades e questões para vestibulares, além de trabalhar com diferentes gêneros textuais, como anúncio publicitário, textos jornalísticos, letras de músicas, cartum e HQ.

Em meio a esse universo, predominantemente masculino, a autora Laiz de Carvalho (2006) traz em sua Gramática as regras de como uma língua funciona e destaca a necessidade de serem conhecidas por todos que a utilizam no dia-a-dia. Conforme a autora é necessário conhecer as regras de funcionamento da língua para criar textos com sentidos para pessoas que usam essa língua. Não obstante, o nome de sua Gramática é “Uso e Interação”. Para ela, as pessoas que falam a mesma língua necessitam ter conhecimentos semelhantes a respeito do mundo em que vivem, assim, a interação comunicativa se realiza sem problemas.

Apesar de ter sido reformulada a gramática de Mauro Ferreira (2007), nessa edição até a apresentação foi suprimida e também não há uma introdução ou capítulo inicial falando sobre concepção de língua, linguagem ou gramática. No aspecto gráfico, ficou mais colorida, houve a inserção de atividades explorando os conteúdos gramaticais a partir de texto, dividindo os exercícios em três momentos: fixação, aplicação e vestibulares. Aparece ainda uma seção chamada “Encare essa” que apresenta uma proposta em forma de desafio, proporcionando uma reflexão a respeito de conteúdos estudados. Verificou-se também a mudança na forma de conceituar alguns conteúdos, que são abordados na categoria “conteúdos”.

Roberto Mesquita (2007) esclarece que em sua gramática além de descrever o dialeto padrão contemplam exercícios que auxiliam na assimilação de estruturas, as quais visam ensinar o emprego e construções de modelos específicos da norma culta.

5.1.2.4 Década de 2010: Cereja /Cochar

Cereja / Cochar (2013, p.3) esclarecem que a língua estudada em sua *Gramática Reflexiva* é “a língua portuguesa viva, isto é, a utilizada em suas variedades oral ou escrita, padrão ou não padrão, formal ou informal, regional ou urbana etc.” Trazem textos de diferentes situações de comunicação, como jornais e revistas, letras de música, cartuns e quadrinhos, o que proporciona ao aluno refletir sobre a língua falada e escrita.

Na próxima seção, veremos qual o tratamento dado à Semântica nas gramáticas analisadas e como se encontram os conceitos de sinonímia, antonímia, ambiguidade, homonímia, paronímia, polissemia, denotação, conotação e figuras de linguagem.

5.1.3 A estruturação das GN e o lugar da Semântica

Tratará de como a Semântica é abordada e como se encontram os conceitos de sinonímia, antonímia, ambiguidade, homonímia, paronímia, polissemia, denotação, conotação e figuras de linguagem.

Como salientado anteriormente, nosso escopo é a GN. As gramáticas mais tradicionais se dividem em: Fonologia, Morfologia, Sintaxe. Algumas mais atuais incluem a Semântica.

A Fonologia se interessa pelos sons da língua; a Morfologia, pela forma; a Sintaxe pelas construções maiores, como a frase e a Semântica pelo significado. Outras subdivisões também são encontradas, como observaremos nos decorrer do texto.

Sobre o tratamento dado à Semântica nas doze gramáticas analisadas observamos que todas elas abordam as relações de sentido sinonímia, antonímia, homonímia, com a mesma nomenclatura e com definições similares, sendo este o ponto comum entre as descrições gramaticais encontradas. No entanto, os autores divergem na classificação dos conceitos semânticos tendo em vista que, em algumas gramáticas, aparecem distribuídos nas seções dedicadas à semântica, à ortografia e à estilística. Há diferença também de tratamento dado às figuras de linguagem que ora aparecem em capítulos de semântica, ora de estilística.

Os estudos tradicionais da linguagem costumam tratar a língua como um fato em si, independente de suas condições de produção. De acordo com Bagno (2001, p.36), “a consideração conjunta de sintaxe-semântica-pragmática permite uma visão articulada, tridimensional dos enunciados linguísticos”. Assim, é fundamental, ao analisar os fatos da língua levar em consideração esses aspectos, pois um enunciado sintaticamente igual pode apresentar diferenças semânticas e pragmáticas.

Bechara (1983) dividiu sua *Moderna Gramática da Língua Portuguesa* em sete capítulos: Fonética e Fonêmica, Morfologia, Sintaxe, Pontuação, Semântica, Noções elementares de Estilística e Noções elementares de versificação. O capítulo “Fonética e fonêmica” apresenta uma seção chamada “Ortografia”, na qual encontramos a conceituação de parônimos. No capítulo denominado “Semântica”, ele a conceitua como “estudo da significação dos vocábulos e das transformações de sentido que estes mesmos vocábulos passam” (BECHARA, 1983, p.340). Sob um ponto de vista diacrônico, o autor acrescenta que o estudo da significação das palavras está associado ao mundo das ideias e sentimentos, através da correlação de imagens. Por exemplo, a palavra *coração* usada para designar a parte interior de uma fruta (coração da melancia). Ele acrescenta que as causas principais de mudança de sentido das palavras são: metáfora, metonímia, braquiologia, eufemismo, alterações semânticas (por extensão, enobrecimento ou enfraquecimento de sentido) e etimologia popular. Neste mesmo capítulo, aborda aspectos das relações entre as palavras como: polissemia, homonímia, sinonímia, antonímia e paronímia.

Na edição de 2001, Bechara apresenta modificações significativas em sua gramática em relação à edição de 1983, no que diz respeito à divisão dos capítulos e organização dos conteúdos. Quase vinte anos depois, a introdução ficou bem maior, englobando conceitos de língua e linguagem, diacronia e sincronia, estruturação gramatical e dialetos. Quanto à divisão dos capítulos ficou assim: manteve Fonética e Fonologia (Cap.1), os conteúdos de Morfologia e Sintaxe aqui estão em um único capítulo denominado: Gramática descritiva e normativa (Cap.2); permaneceu o capítulo de Pontuação (Cap.3); já o capítulo de Semântica foi suprimido; mantidos também os de Noções elementares de Estilística e Noções elementares de versificação. Dentro do capítulo: Gramática descritiva e normativa há uma seção chamada *alterações semânticas* com os conceitos de metáfora, homônima etc., que na edição anterior configuravam um capítulo próprio. No capítulo de Noções elementares de Estilística o autor situa a semântica como um dos campos da Estilística. (BECHARA, 2001, p.618)

Não há distinção nas duas edições analisadas do gramático Napoleão de Almeida (1983 e 1992). Nelas, temos um capítulo intitulado “Analogia vocabular” e uma subseção chamada “Analogia da forma e significação”, em que o autor diz “há entre as palavras relação entre forma (= *aspeto*, modo com que a palavra se representa à vista ou ao ouvido) e a significação (= *sentido*, ideia que a palavra encerra)” (ALMEIDA, 1983, p.367), abordando os homônimos, parônimos, sinônimos e antônimos. Além disso, no capítulo destinado à Etimologia, há uma subseção denominada “Semântica”, em que o autor conceitua Semântica como sendo “o estudo do significado dos vocábulos, quer no momento atual, quer através do

tempo e do espaço” (ALMEIDA, 1983, p.380), acrescenta que pode dividir-se em estática, histórica e etiológica abordando, ainda neste capítulo, as figuras de pensamento. Menciona um capítulo chamado Vícios de linguagem no qual aborda o *neologismo*.

A Gramática de Mauro Ferreira, edição de 1992, está dividida em unidades, sendo uma delas a Significação das palavras em que aborda conceitos de antonímia, sinonímia, homônima e parônima. As figuras de linguagem têm uma unidade chamada de “Linguagem Figurada”. Na edição de 2007, ele fez algumas alterações na organização estrutural dos conteúdos: a unidade “Significação das palavras” foi retirada do livro e o conteúdo homonímia e paronímia foram abordados dentro da unidade “Ortografia” e conceitos de antonímia, sinonímia não aparecem mais. Outra alteração ocorreu na unidade “Linguagem Figurada” que trouxe os conceitos de denotação, conotação e as figuras de linguagem.

Celso Cunha (1994) apresenta uma subseção chamada “significação das palavras” dentro do Capítulo “Classe, estrutura, formação e significação dos vocábulos”, abordando os sinônimos, antônimos, homônimos e sentido figurado.

Rocha Lima (1998) coloca os conceitos semânticos (séries sinonímicas, polissemia, homônimos e parônimos), dentro do capítulo “Funções da linguagem, gramática e estilística”. Destinando dois capítulos: “Figuras de linguagem: os tropos” e “Outras figuras de linguagem”, para o estudo das figuras de linguagem.

Pasquale & Ulisses (2003) dedicam um capítulo ao “Estudo da significação das palavras”, tratando de antônimos, sinônimos e hiperônimos; enquanto as figuras de linguagem aparecem no capítulo “Noções elementares de estilística”.

Na gramática de Laiz Carvalho (2006), tem-se uma subseção chamada “Os vários sentidos das palavras” dentro do capítulo “Variações Linguísticas”. Segundo a autora, “muitas vezes, além das afirmações que são feitas claramente no texto com o uso da língua, é preciso levar em conta a situação em que a afirmação é produzida: quem falou, com quem falou e com que intenção.” (CARVALHO, 2006, p.28). Aparece um capítulo inteiro denominado “A significação das palavras”, trabalhando, a partir de textos, os conceitos de sinônimos, antônimos e homônimos. Observamos que dentro de todas as unidades há uma seção intitulada “A língua em funcionamento” em que promove o estudo e a reflexão da língua, inserida em usos reais em sociedade. Embora, Carvalho não aborde em seu livro as figuras de linguagem, ela apresenta seções como “O significado do verbo na frase” e “As preposições e seus significados”.

Roberto Mesquita (2007) cita a Semântica dentro da unidade “Escrita e ortografia” na subseção chamada “grafia e semântica”. Há uma unidade chamada “Som e significado”, em

que aparecem os conceitos: morfemas, polissemia, sinonímia e antonímia, hiperonímia e hiponímia, campo lexical e campo semântico, homonímia, paronímia, contexto e dicionário, reservando uma unidade para o estudo das “Figuras de linguagem e vícios de linguagem”.

William Cereja e Thereza Cochar (2013) oferecem um tratamento diferenciado à Semântica, já que, no final de cada um dos seus trinta e cinco capítulos trazem uma subseção chamada “Semântica e discurso”. Dessa forma, se distanciam da gramática tradicional, cujo alcance não ultrapassa o limite das frases (ou enunciado). Aliás, segundo Bagno (2001, p. 32) ninguém fala por frases, “toda vez que alguém abre a boca para falar (ou se põe a escrever) está produzindo um texto, por menor que seja essa produção”. Além disso, esse texto não surgiu do nada foi produzido por um falante, numa determinada situação, com uma intenção. As relações que envolvem os textos e o falante, ou seja, o estudo do significado dos textos nunca foi preocupação central nas gramáticas tradicionais.

A unidade cinco da gramática de William Cereja e Thereza Cochar (2013) é intitulada Semântica e estilística: estilo e sentido, e contempla os fenômenos de sinonímia e antonímia, hiponímia e hiperonímia, polissemia e ambiguidade. As figuras de linguagem são abordadas na subseção estilística.

Figura 7– As Gramáticas Normativas e os conteúdos semânticos

Nº	GRAMÁTICAS	SINONÍMIA	ANTONÍMIA	HIPONÍMIA	AMBIGUIDADE	HOMONÍMIA	PARONÍMIA	POLISSEMIA	METÁFORA
1	Moderna Gramática Portuguesa – 1983	X	X			X	X		X
2	Gramática Metódica da Língua Portuguesa – 1983	X	X			X	X		X
3	Gramática Metódica da Língua Portuguesa – 1992	X	X			X	X		X
4	Aprender e praticar gramática – 1992	X	X			X	X		X
5	Gramática da Língua Portuguesa – 1994	X	X			X	X		
6	Gramática Normativa da Língua Portuguesa – 1998	X	X			X	X	X	
7	Moderna Gramática Portuguesa – 2001	X	X			X	X	X	X
8	Gramática da Língua Portuguesa – 2003	X	X	X		X	X		X
9	Gramática: Uso e Interação – 2006	X	X	X		X	X		X
10	Aprender e praticar gramática – 2007	X	X			X	X		X
11	Gramática da Língua Portuguesa – 2007	X	X	X	X	X	X		X
12	Gramática Reflexiva: Texto, Semântica e Interação – 2013	X	X	X	X	X	X		X

Fonte: A pesquisadora.

Como se observar no quadro acima, os tópicos semânticos como sinonímia, antonímia, homonímia, ambiguidade (homonímia e polissemia) e metáfora foram os que tiveram evidência nos estudos semânticos nas gramáticas analisadas, por este motivo foram selecionados para análise.

Além de exemplificar as diferenças na classificação dos fenômenos semânticos, analisaremos as definições mencionadas nos compêndios gramaticais em questão, estabelecendo um contraponto com os estudos semânticos de Ilari (1997/2001), Geraldi (1987), Cançado (2008) e Ferrarezi (2008).

É importante ressaltar que as Gramáticas de Bechara (1983 e 2001), Cunha (1994) e Lima (1998) não trazem seção com exercícios sobre nenhum dos conteúdos gramaticais por elas abordados, funcionando apenas como um “manual de consulta” sobre as regras gramaticais.

5.2 O conteúdo

Na abordagem dos conteúdos, as gramáticas mais tradicionalistas trabalham com exemplos retirados dos clássicos da literatura como nas gramáticas de Bechara (1983 e 2001), Almeida (1983 e 1992), Ferreira (1992), Cunha (1994) e Lima (1998). Somente a partir da gramática de Cipro Neto e Infante (2003), visivelmente influenciada pelos estudos linguísticos é que foram inseridos, os gêneros textuais do cotidiano: tiras, anúncios, letras de músicas, capas de revistas, *outdoor* e etc.

Apenas a Gramática Reflexiva, de Cereja/Cochar (2013), trabalha com o termo discurso, ultrapassando os limites da “frase” em que geralmente ficam as Gramáticas tradicionais. O discurso é “a atividade comunicativa capaz de gerar sentido, desenvolvida entre interlocutores. Além do enunciado verbal, engloba elementos extraverbais (...)”. (CEREJA/COCHAR, 2013, p.38).

5.2.1 Sinonímia

Entre os inúmeros motivos para estudar os fenômenos da sinonímia e da paráfrase, segundo Ferrarezi Júnior, estão os fatos de que esses estudos podem resultar na melhora da compreensão e atribuição de sentidos aos sinais e também, à melhoria da habilidade expressiva. (FERRAREZI JR, 2008 p. 158)

Para Cançado (2008), a sinonímia é compreendida como a propriedade semântica que, dois itens lexicais possuem ao apresentar a mesma referência e o mesmo sentido. Assim, para

que duas palavras sejam consideradas sinônimas é necessário que se refiram ao mesmo conjunto de fatos no mundo e ainda que ambas sejam verdadeiras ou falsas, considerando-se o contexto. Ferrarezi (2008) acrescenta que este fenômeno ocorre nas línguas naturais com algumas palavras em certos **contextos** e certos **cenários**, em que podem ser substituídas umas pelas outras sem alteração no sentido desejado.

A sinonímia é tema frequente na maioria das Gramáticas Normativas analisadas, geralmente vem acompanhada das relações de antonímia, hiponímia e hiperonímia, polissemia e ambiguidade. Vejamos os conceitos trazidos pelas gramáticas analisadas:

Para Bechara (1983, p.345), o conceito de sinonímia está relacionado ao “fato de haver um vocábulo com a mesma ou quase a mesma significação”. Na outra edição, (BECHARA, 2001, p.404) o autor ratifica o conceito de sinonímia como sendo “o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação”.

Outro gramático tradicionalista, Almeida (1985/1992), conceitua sinônimos como sendo palavras diferentes na forma, mas iguais ou semelhantes na significação. E alega que podem ser sinônimos perfeitos (como léxico e vocabulário) e sinônimos imperfeitos (como córrego e riacho).

Sinônimos, segundo Ferreira (1992), são palavras que “apresentam, entre si, o mesmo (ou aproximadamente o mesmo) significado”. (FERREIRA, 1992, p.191) Na atividade proposta, o autor recorre a textos extraídos da literatura, sendo sugerida como resposta quaisquer das palavras encontradas no dicionário. Caberia ao professor propiciar uma reflexão, que levasse em conta o contexto para selecionar entre elas a mais adequada.

Figura 8 - Atividade sobre sinonímia, GN 4

1 – Indique pelo menos um sinônimo das palavras destacadas. Se necessário, consulte um dicionário:

a) “A *suntuosa* Brasília, a *esquálida* Ceilândia contemplam-se. Qual delas falará primeiro?” (Carlos Drummond de Andrade)
 suntuosa: *luxuosa, pomposa, fulgurante*
 esquálida: *suja, desalinhada, sórdida, fraca, descorada*
 contemplam-se: *olham-se com atenção ou embevecimento*

b) “Não posso responder com certeza, mas tenho horror à *banalidade...*” (Machado de Assis)
 banalidade: *vulgaridade, coisa muito comum*

c) Eu fora o culpado, com meu gesto *leviano* de enterrar a castanha (...)” (Rubem Braga)
 leviano: *precipitado, imprudente, sem seriedade.*

Na atividade acima, percebe-se que nem todas as palavras indicadas como resposta pela GN podem ser utilizadas no contexto dado sem que haja alteração de sentido. Na primeira sentença, por exemplo, ao substituir **esquálida** por qualquer uma delas: “desalinhada”, “fraca” e “suja”, não há adequação ao contexto, ocorrendo alteração do referente. De acordo com Ilari & Geraldini (1987) para que as palavras sejam consideradas sinônimas é necessário que tenham o mesmo referente e, ainda, que ambas sejam verdadeiras ou falsas em todos seus empregos.

Cunha afirma que as palavras são “sinônimas quando ocorre uma semelhança geral de sentido”, por exemplo: feliz e ditoso, achar e encontrar. (CUNHA, 1989, p. 96)

Lima (1998), por sua vez, menciona que “*séries sinonímicas* em que um grupo de palavras tem uma significação geral comum, mas se distinguem por leves ideias particulares e se empregam em situações diferentes”. (p.485) Para ele, a diferença de significado deve-se ao efeito estético pretendido e que a escolha do sinônimo é orientada pela tonalidade afetiva.

Fazem a linha mais tradicionalista as Gramáticas de Bechara (1983 e 2001), Almeida (1983 e 1992), Ferreira (1992), Cunha (1994) e Lima (1998) que utilizam apenas palavras “soltas”, descontextualizadas em seus exemplos, se distanciando, assim, dos estudos linguísticos.

Pasquale & Ulisses e Mesquita trazem conceitos muito semelhantes entre si e entre os gramáticos Bechara, Almeida, Ferreira, Cunha e Lima, que tratam por sinônimas palavras de significados próximos.

As definições trazidas nestes manuais gramaticais, mencionados até aqui, são definições vagas, circulares, pois ficam apenas no aspecto do sentido, não considerando o contexto. Não existe preocupação com a definição clara do fenômeno. Entretanto, duas obras se diferenciam das demais: as gramáticas de Carvalho e Cereja/Cochar.

Carvalho (2006), apesar de trazer uma definição semelhante as que já foram retratadas anteriormente, observa que “essas palavras que têm significado próximo, não exprimem exatamente a mesma ideia”. Por exemplo:

O palmito é **extraído** de uma espécie de palmeira.

O palmito é **retirado** de uma espécie de palmeira.

E acrescenta

“**extrair**, além de conter a ideia de **retirar**, tem também o significado de **retirar com esforço** (...). O sentido de uma palavra, portanto, varia de texto para texto, pois só é possível determinar o significado de uma palavra quando ela é empregada. A escolha entre uma ou outra depende da intenção de quem escreve e do efeito que este quer provocar em quem lê”. (CARVALHO, 2006, p. 97. Grifo nosso)


Dessa forma, Carvalho, ultrapassa os aspectos do sentido considerando não apenas o contexto como também o discurso, inserindo os conceitos dos estudos linguísticos, distanciando-se dos mais tradicionalistas.

Vejam um exemplo de atividade da GN 9, em que é colocado um texto associado a uma imagem e em seguida uma atividade, solicitando aos alunos completarem as frases com sinônimos, adaptando-os quando necessário. Em seguida, os alunos são levados a refletir sobre as diferenças de significado em cada enunciado e identificar em quais eles se comportam como sinônimos. Pode-se ainda levantar a questão da formalidade e informalidade da linguagem que determina também a escolha por uma ou outra palavra.

Figura 9 - Atividade sobre sinonímia, GN 9

ATIVIDADES

Empregar sinônimos em um texto é uma forma de construir um raciocínio, empregando palavras relacionadas entre si e de significado próximo. Leia o aviso ao lado, colocado na entrada de um Parque Estadual, e responda às questões a seguir.



É proibido **extrair** palmito de palmeiras juçara.
É proibido **tirar** orquídeas e **arrancar** bromélias da mata.

1 – Copie as frases a seguir, completando-as adequadamente com **extrair**, **tirar** ou **arrancar**. Faça as adaptações necessárias.

- a) Precisei ir ao dentista para * um dente.
- b) Ergueu o braço e * um livro da estante.
- c) Passei o dia * ervas daninha do jardim.
- d) As indústrias * o suco das frutas e produzem geleias deliciosas.
- e) Precisou de um martelo para * o prego da parede.
- f) Os garimpeiros * duas toneladas de calcário das minas.
- g) Ficou cansado e * os óculos para deita-se.
- h) Para comercializar madeira, é preciso * árvores em grande quantidade.

● Agora responda.

- a) Qual é a diferença entre **extrair**, **arrancar** e **tirar**, usadas no aviso anterior?
- b) Em quais das frases acima pode-se empregar **extrair** e **arrancar** como sinônimos?
- c) Em quais das frases **arrancar** e **extrair** não são sinônimos?
- d) Em qual(uais) frase(s) não é possível empregar-se **extrair**?

A atividade proposta na figura 9 leva o aluno a testar a condição de “verdade” de cada sentença, para então escolher entre as palavras aquelas que se encaixam naquele contexto específico. O que é válido para um contexto pode não ser válido para outro. Assim, **extrair** e **arrancar** serão sinônimos nas sentenças (a), (c) e (e). Não será possível o uso da palavra **extrair** nas sentenças (b) e (g). Já na sentença (f) **arrancar** e **extrair** não são sinônimos. É importante ressaltar que a palavra **tirar** de uso informal caberia em todos os contextos, que essa escolha dependeria da intenção do falante ou do cenário, como prefere Ferrarezi Júnior (2008).

Os sinônimos aparecem na gramática de Cereja/ Cochar (2013) como palavras de sentidos aproximados que podem ser substituídas por outra em contextos diferentes. Esclarecem ainda, ao contrário de Almeida, que não existem sinônimos perfeitos. Ressaltam que vários fatores cooperam para a escolha entre dois sinônimos, dependendo do discurso podem ter grande importância. Por exemplo, roubo e furto, “significam a mesma coisa, mas na linguagem jurídica, roubo se refere a casos em que a vítima sofre também algum tipo de violência”. (CEREJA; COCHAR, 2013, p.382)

5.2.2 Antonímia

O tratamento dado à antonímia se assemelha ao da sinonímia, aliás, eles são abordados juntos nas gramáticas. Depois de conceituar antonímia, Carvalho, propõe a leitura da tirinha abaixo, em que ocorre o uso de diversas palavras antônimas entre si com o propósito de solicitar ao aluno reflexão sobre o emprego desse recurso.

Figura 10 – atividade sobre antonímia, GN 9



[Quino. *Mafalda*, v. 9, p. 84-85.]

Fonte: Carvalho, Laiz. In: *Gramática: uso e interação*. 2006, p.100.

Na tirinha figura 10, as palavras destacadas têm significado contrário, portanto, são antônimas e foram utilizadas com o firme propósito de realçar a revolta do personagem: **bem/mal: ninguém/todos, sempre/nunca.**

Na atividade proposta pela GN 12 temos uma atividade que propicia a reflexão sobre a língua e seu uso. Dessa forma, podemos perceber que o conceito de linguagem da gramática em questão é a concepção base das escolas linguísticas ligadas a teoria da Enunciação, Linguística Textual e Teoria do Discurso, fundamentadas nos estudos de Mikhail Bakhtin. Leia:

Figura 11 - atividade sobre antonímia, GN 12

3- Como você sabe, as palavras *pequeno* e *grande* são antônimas. Observe o emprego dessas palavras neste enunciado:

Um elefante pequeno é um animal grande.

Essa frase é possível do ponto de vista lógico? Se sim, que sentido(s) ela pode ter?

Fonte: CEREA, William Roberto. In: *Gramática Reflexiva*, 2013, p. 388.

Para se verificar a questão da lógica dessa frase, se faz necessário sair do plano lexical. As palavras: *grande* e *pequeno* estabelecem uma relação de oposição, somente quando ampliadas para a sentença tem-se a contradição. Para que a sentença seja contraditória é necessário que a afirmação feita não seja compatível no mundo, levando-se em conta a mesma circunstância e a simultaneidade, que está vinculada ao acarretamento. Acrescente-se ainda o fato de os adjetivos *grande* e *pequeno* serem relativos. Entra o fator extralinguístico, que pode ser inferido de acordo com o contexto. Assim, para estabelecer o sentido dos adjetivos no contexto em questão é preciso apresentar o parâmetro considerado e em que contexto ele é válido. Essa sentença é possível do ponto de vista lógico, pois, se for estabelecido o parâmetro dentro do grupo dos elefantes, por exemplo, um elefante é pequeno ao nascer se comparado aos demais elefantes adultos. Se o parâmetro for outros animais um elefante pequeno é um animal grande, por se tratar de um mamífero de grande porte se comparado a um gato ou galinha, por exemplo.

Nessa mesma seção, a GN12 também aborda o uso da palavra “multiuso” *coisa* e suas derivadas. Os autores mencionam que a palavra *coisa* está presente desde as conversas cotidianas à literatura, possui tantos significados que o dicionário eletrônico *Houaiss* da língua portuguesa, por exemplo, registra dezenove significados para ela. E finaliza “como se

vê, coisa é tudo. Por outro lado, usar essa palavra para tudo pode revelar pobreza de vocabulário”. (CEREJA; COCHAR, 2013, p.382)

5.2.3 Hiponímia

Considerando-se as gramáticas pesquisadas, este conteúdo é abordado por apenas quatro autores: Pasquale & Ulisses, Mesquita, Carvalho e Cereja/Cochar. Todas definem, o hipônimo como sendo uma palavra, cujo sentido é particular e o hiperônimo uma palavra de sentido mais genérico, ou seja, de maneira bem semelhante. Mas vale ressaltar que Cereja/Cochar acrescentam que hipônimos e hiperônimos pertencem ao mesmo campo semântico. Já Mesquita fala que “campo semântico diz respeito às diferentes acepções que uma palavra pode assumir em contextos diferentes” (MESQUITA, 2007, p. 120). Por exemplo, a palavra “bom” pode indicar: estado de saúde, qualidade, resultado positivo ou estado mental. Tal situação pode ser percebida nos exemplos:

- a) André não está muito bom ultimamente.
- b) Ele é um bom rapaz.
- c) Você obteve um bom resultado no ENEM.
- d) João não está bom da cabeça.

É muito importante, para a construção de sentidos dos textos a relação estabelecida entre hiperônimos e hipônimos. O uso deles pode auxiliar na retomada de elementos textuais. Como pode ser observado na atividade da figura 12:

Figura 12- atividade sobre hiponímia, GN 8

- 1- Complete as frases seguintes com hiperônimos ou com uma palavra de sentido genérico.
- a) O dono da fábrica negava-se a indenizar as famílias dos operários mortos com explosão de uma caldeira. Esse (★) revoltou a comunidade.
 - b) Vários automóveis foram arrastados pela correnteza. Alguns (★) foram encontrados muito longe do local onde haviam sido deixados por seus donos.
 - c) Cuidado com as bactérias com que você está lidando no laboratório. São (★) muitas vezes perigosos.
 - d) Grupos de refugiados chegam diariamente do sertão castigado pela seca. São (★) famintas, maltrapilhas, destruídas.

Figura 13- atividade sobre hiponímia, GN 9

1- Como empregar **hipônimos** e **hiperônimos** nas situações do dia-a-dia? Sente-se com um colega e faça junto com ele estes exercícios para praticar.

Cada série de palavras faz parte de um único grupo de significado. Qual é o **hiperônimo** de cada uma delas?

a) avestruz, papagaio, ema, arara, galinha
 b) caminhão, carro, avião, navio
 c) liquidificador, ferro elétrico, batedeira de bolo, torradeira
 d) bagre, traíra, sardinha, piranha, pintado

Agora reescreva as frases abaixo completando-as com hiperônimos.

a) Avestruz, papagaio, ema, arara, galinha são bípedes. Estas * são encontradas em todo o Brasil.
 b) Liquidificador, ferro elétrico, batedeira de bolo, torradeira são * muito úteis.
 d) Bagre, traíra, sardinha, piranha, pintado vivem em rios. Nem todos esses * são usados como alimento.
 b) Os * mais usados são o caminhão, carro, avião, navio.

Fonte: CARVALHO, Laiz. In: *Gramática: uso e interação*. 2006, p.108.

A atividade da figura 13 busca contextualizar os conceitos de hipônimos e hiperônimos em situações de uso, ou seja, do cotidiano do falante, favorecendo que ele compreenda e se aproprie desses recursos semânticos quando necessário, numa produção de texto, por exemplo.

5.2.4 Ambiguidade

A utilização de termos ambíguos é frequente em enunciados da linguagem oral ou escrita da língua. Entre o *corpus* analisado esse conteúdo aparece em apenas duas gramáticas GN11 e GN 12.

A GN 11 o conceito de ambiguidade dentro da unidade Estilística, no subitem “Vícios de linguagem”. A ambiguidade aparece como uma manifestação da “imperfeição” do falante ou de uma “deficiência” da língua. É importante destacar, que nem sempre a ambiguidade é um problema. Ela muitas vezes é utilizada com uma intenção clara e determinada do falante de produzir efeitos de persuasão, diversão, ironia ou crítica, através de textos publicitários e humorísticos, por exemplo. Portanto, a ambiguidade só deve ser evitada quando é involuntária.

O autor assim diz: “Ocorre ambiguidade de sentido quando não há clareza no enunciado. Saíram para passear: a mãe e a sua filha” (MESQUITA, 2007, P. 671). No exemplo dado pela gramática, a ambiguidade está compreendida no fato de o pronome possessivo *sua* poder ter dois ou mais referentes, todos de terceira pessoa, portanto, está no plano lexical, visto que não há múltiplos sentidos para o pronome *sua*. A ambiguidade aparece no plano sintático, pode ser evitado substituindo o pronome **sua** por **dela**, restringindo o referente.

Vale ressaltar, que a ambiguidade se estabelece sempre no interlocutor, ou seja, ela só existe para o outro, uma vez que quando ocorre a interação do leitor com o texto é que sabemos se a mensagem foi compreendida ou não. Ainda sobre o exemplo dado pela gramática, considere que o interlocutor do enunciado não tenha uma filha, ele ou ela poderá não perceber o enunciado como ambíguo, atribuindo o sentido de que sua filha se refere exclusivamente à pessoa de quem se fala e não ao interlocutor.

Para GN 12 “A ambiguidade é utilizada com frequência como recurso de expressão em textos poéticos, publicitários e humorísticos, em quadrinhos e anedotas” (CEREJA: COCHAR, 2013, p.385). Por outro lado, se a ambiguidade ocorre devido à má organização de ideias, emprego inadequado de palavras, assim como inadequação do texto ao contexto discursivo, ela deve ser evitada, pois irá comprometer a comunicação.

Figura 14 - atividade sobre ambiguidade, GN 12

1. Leia a tira:



(Laerte. Classificados. São Paulo: Devir, 2002. v. 2, p. 57.)

O humor da tira é construído em torno do duplo sentido que uma palavra adquire no contexto.

- Qual é a palavra?
- Como o dono da casa compreendia essa palavra?
- Como o afinador de piano compreendia a mesma palavra?

Fonte: CEREJA, William Roberto. In: *Gramática Reflexiva*, 2013, p. 387.

Na atividade, da figura 14, temos uma exemplificação do uso intencional da ambiguidade como recurso expressivo. Em tiras, como essa é comum o uso desse recurso para uma comunicação mais direta, descontraída e divertida, portanto, adequada ao contexto discursivo.

No entanto, na atividade da figura 15 temos um exemplo de ambiguidade como provocadora de falha na comunicação.

Figura 15 - atividade sobre ambiguidade, GN 12

5. (UNICAMP-SP) A leitura literal do texto abaixo produz um efeito de humor.

As videolocadoras de São Carlos estão escondendo suas fitas de sexo explícito. A decisão atende a uma portaria de dezembro de 91, do Juizado de Menores, que proíbe que as casas de vídeo aluguem, exponham e vendam fitas pornográficas a menores de 18 anos. A portaria proíbe ainda menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia dos pais.

(Folha Sudeste, 6/6/1992)

a) Transcreva a passagem que traduz efeito de humor. Qual a situação engraçada que essa passagem permite imaginar?

b) Reescreva o trecho de forma que impeça tal interpretação.

Fonte: CEREJA, William Roberto. In: *Gramática Reflexiva*, 2013, p. 386.

O gênero textual apresentado na atividade da figura 15 é uma notícia de jornal, logo a ambiguidade encontrada no texto não é adequada, provocando falha na comunicação, pois nesse gênero textual deve predominar a objetividade e clareza de informação.

A GN 12 então apresenta atividades com duas situações diferentes de ocorrência de ambiguidade no texto, possibilitando ao aluno a reflexão a respeito do uso desse recurso.

5.2.5 Homonímia

A homonímia e paronímia aparecem nas doze gramáticas analisadas, alternando apenas a seção, em que aparecem como já foi mencionado anteriormente. Ora é abordada junto a Ortografia, ora seção Semântica.

Na GN 2 e 3, Almeida recorre a etimologia para conceituar as palavras homônimas. “Homônimo é palavra composta dos elementos gregos *homós*, que quer dizer igual e *ónymon*, que significa nome” (ALMEIDA, 1985, p.368). O autor esclarece que existem as homônimas homófonas (som igual, mas significação diferente), homógrafas (escrita igual, mas significação diferente) e também as que são homófonas e homógrafas ao mesmo tempo (iguais no som e na escrita). Ele apresenta uma lista grande para exemplificá-las. Depois conceitua as palavras parônimas como sendo àquelas que têm forma parecida, mas significados diferentes e, novamente, apresenta uma lista de palavras.

Cunha aborda o conteúdo de forma mais sintética, mencionando no máximo dois exemplos de palavras. Também diferencia os tipos de homonímia.

Lima cita que “a rigor, só deveriam ser consideradas como homônimas as palavras que, tendo origem diversa, apresentassem a mesma forma, em virtude de uma **coincidência** na sua evolução fonética” (LIMA, 1998, p.487, grifo do autor). Porém, de fato classificam-se assim todas as palavras que possuem a mesma forma, porém nomeiam coisas diferentes. Conclui com vários exemplos: “*espíar e expíar; coser e cozer; bucho e buxo; insipiente e incipiente; sessão, seção e cessão; maçã e massa; taxar e tachar, etc.*” (LIMA, 1998, p.487)

Para Bechara (2001), a homonímia ocorre quando duas ou mais palavras diferentes quanto ao significado ou função, assumem a mesma estrutura fonológica e mesma acentuação, como por exemplo: Um homem **são** (de saudável) e **São** Jorge (de santo). Ele cita ainda o conceito de parônimas como sendo palavras parecidas na forma e diferentes no significado como *tráfego* e *tráfico* etc.

Ferreira (1992) considera detalhadamente cada tipo de homonímia (homônimas homófonas, homógrafas e também as que são homófonas e homógrafas ao mesmo tempo) e seus exemplos, em seguida conceitua e exemplifica também a paronímia. Ele define homônimo como sendo “palavras que têm a mesma pronúncia e a mesma grafia, ou apenas a mesma grafia, ou a mesma pronúncia” (FERREIRA, 2007, p. 40), relacionando uma lista de palavras para exemplificar, sem dividi-las em tipos como na edição anterior. Na conceituação de paronímia não houve mudanças significativas entre as edições mencionadas. A alteração ficou por conta das atividades propostas. Vejamos:

Figura 16 - atividade sobre homonímia, GN 10

4- Leia este trecho de notícia sobre a fuga de um oficial da Polícia Militar que havia sido preso, acusado de participação em um crime.

O primeiro-tenente da Polícia Militar [...] fugiu ontem da prisão.
A polícia constatou a fuga às 8h50, quando percebeu que as grades de sua cela estavam cerradas. Ainda não foi identificado o objeto utilizado pelo oficial para cerrar as grades.
Folha de São Paulo, 9/11/1997.

Nesse texto, o redator confundiu-se e grafou de modo errado duas palavras.

- Identifique as palavras que ele empregou incorretamente.**
- Como você explicaria o engano do redator?**
- Segundo o texto, não foi identificado o objeto usado pelo policial para fugir. Mantida a palavra que o redator empregou erradamente, que objeto se imagina que o fugitivo tenha usado?**
- Tal como o texto se apresenta, ele permite imaginar uma situação, no mínimo engraçada. Qual seria essa situação?**

Fonte: FERREIRA, Mauro. In: Aprender e praticar gramática, 2007, p. 46.

Na atividade da figura 16 a partir de uma notícia jornalística, pretende-se que o aluno perceba o uso incorreto das palavras: cerrar e cerradas, dificuldade provocada por se tratar de palavras homônimas, que no contexto dado acaba criando uma situação engraçada. Ao trocar a palavras serradas (cortada com serra) por cerrada (fechada), o redator acabou causando uma situação engraçada, pois neste caso seria absurdo julgar que o oficial tivesse fugido pelo fato da porta da cela encontrar-se fechada. Na edição de 1992, a atividade apresentada na figura 17, trata de paronímia através de enunciados soltos, é solicitado ao leitor que opte ente uma das formas dos parênteses para completar o enunciado, mantendo o sentido pretendido.

Figura 17 - atividade sobre paronímia, GN 4

6- Sem alterar o sentido, substitua a palavra ou expressão destacada por uma das palavras entre parênteses.

- O juiz cometeu um erro que todo mundo notou. (fragrante/flagrante)**
O juiz cometeu um erro
- O deputado pretende confirmar as denúncias que fez. (retificar/ratificar)**
- O deputado pretende as denúncias que fez.**

Fonte: FERREIRA, Mauro. In: Aprender e praticar gramática, 1992, p. 196.

Pasquale & Ulisses (2003) abordam o tema de forma bem sucinta. Com um diferencial, tendo em vista que alega que as palavras com mesma grafia e mesma pronúncia

são homônimas, as com mesmas grafias homógrafas e as com mesmas pronúncias homófonas. Carvalho (2006) ao conceituar homonímia apresenta a seguinte tira:

Figura 18 - Tirinha sobre homonímia, GN 9



[Ziraldo. *O Menino Maluquinho: as melhores tiras*, 1, p. 35.]

Fonte: CARVALHO, Laiz B de. In: *Gramática: uso e interação*, 2006, p. 101.

O humor da tira consiste no uso da palavra maçã, Ziraldo com o propósito de provocar humor cria uma historinha a partir dos sentidos diferentes da palavra. O personagem explica seu erro de não acertar o alvo inicial porque quis acertar a “maçã do rosto”. Portanto, homonímia são palavras iguais com sentidos diferentes.

Por fim, temos Cereja e Cochar que apresentam as palavras homônimas como aquelas que possuem diferença na grafia e semelhança na pronúncia, enquanto as parônimas são conceituadas como aquelas que apresentam semelhança na grafia e na pronúncia, embora ambas possuam sentidos diferentes. Apresentam um quadro demonstrativo com algumas palavras utilizadas com mais frequência, sem separá-las em homônimas ou parônimas.

5.2.6 Polissemia

Apenas três das doze GN abordam esse conteúdo: GN 6, GN 7 e GN 11. Lima (1998) define polissemia como “a multiplicidade de sentidos imanente em toda palavra, de que resulta que a sinonímia depende fundamentalmente do contexto” (LIMA, 1998, p.485). Por exemplo: doença **grave** (capaz de causar a morte), voz **grave** (baixa); homem de aspecto **grave** (sisudo). A palavra **grave** possui múltiplos sentidos diferenciados a partir do contexto utilizado.

Para Bechara (2001) “polissemia – É o fato de haver uma só forma (significante) com mais de um significado unitário pertencente a campos semânticos diferentes” (BECHARA, 2001, p. 402). E exemplifica:

Pregar (um sermão) – pregar (= preguear uma bainha da roupa) – pregar (um prego)

Manga (camisa ou de candeeiro) – manga (fruto) – manga (= bando, ajuntamento) – manga (parede)

Cabo (cabeça, extremidade, ponto na hierarquia militar) – cabo (= parte de instrumento por onde esse se impunha ou utiliza: cabo da faca) (BECHARA, 2001, p. 402)

No entanto, Lima (1998) coloca a palavra cabo como exemplo de homonímia “costuma-se entender sob essa designação **todas** as palavras que, possuindo formas idênticas, designem coisas distintas: cabo (posto militar) – cabo (acidente geográfico)” (LIMA, 1998, p.487, grifo do autor). Na verdade, tanto a polissemia quanto a homonímia lidam com os vários sentidos para uma mesma palavra fonológica, entretanto, segundo Cançado (2008) “polissemia ocorre quando os possíveis sentidos da palavra ambígua têm alguma relação entre si” (CANÇADO, 2008, p. 63). Ela exemplifica com palavras formadas a partir do vocábulo pé: pé de cadeira, pé de mesa, pé de fruta, pé de página, em que o sentido de **pé**, como sendo a base, recorre em todos os itens. Ainda segundo Cançado (2008)

“para estabelecer essa relação entre as palavras polissêmicas, usamos a nossa intuição de falante e, às vezes, os nossos conhecimentos históricos a respeito dos itens lexicais. Entretanto, você perceberá que estabelecer se itens são ou não, relacionados não é tão trivial, sendo, por isso, a polissemia um dos temas bastante investigados na literatura linguística. Nem sempre há uma concordância entre os falantes se há a relação entre os itens em questão, ou mesma a recuperação histórica desses itens pode ser tão antiga que, na atualidade, mesmo se houvesse uma relação anterior, seriam palavras sem relação”. (CANÇADO, 2008, p. 64)

Bechara (2001), em sua gramática, aponta a dificuldade de diferenciação entre homonímia (palavras distintas com o mesmo fonema) e polissemia. Segundo ele, alguns critérios são propostos, que estão sujeitos a críticas: “a) critério histórico-etimológico – é o que fazem, em geral, nossos dicionários; b) a consciência linguística do falante; c) critério das relações associativas e d) critério dos campos léxicos” (BECHARA, 2001, p. 403). Mas, não faz nenhuma exemplificação.

Enquanto, Mesquita afirma que “Polissemia é a capacidade que uma palavra tem de assumir diferentes significações ou sentidos. (...) Ele traz sempre um boné na cabeça. Rodrigo é o cabeça da equipe. Acertou o dedo e não a cabeça do prego” (MESQUITA, 2007, p.120). Nesse exemplo, a palavra cabeça apresenta três diferentes sentidos: parte do corpo, líder e parte do prego, respectivamente.

Figura 19 - Anúncio, GN 11

3. Observe com atenção o anúncio da Cesp:



A frase principal do texto faz referência a um provérbio: “Os fins justificam os meios”.

a) Considere o provérbio e explique o significado de “fins” e “meios”.

b) Dê o significado de “meio” no contexto do anúncio da Cesp e verifique se temos uma nova acepção para essa palavra (uma polissemia, no caso), ou um homônimo.

c) Explique por que o anúncio inverte o sentido do provérbio.

(Revista Imprensa)

Fonte: MESQUITA, Roberto Melo de. In: Gramática da língua portuguesa, 2007, p. 128.

A atividade proposta, a partir de um anúncio publicitário, possibilita o aluno refletir sobre os sentidos da palavra meio, ao propor a análise para saber no contexto dado, se é um caso de homonímia ou polissemia. Trata-se dos seguintes sentidos: meio = ambiente, meio = formas pelas quais se consegue chegar a um objetivo, portanto é um caso de homonímia, pois não existe uma recorrência de sentidos entre elas. É trabalhada também a relação de intertexto com o provérbio popular “os fins justificam os meios”. Limita-se a essa única atividade sobre o assunto.

5.2.7 Metáfora

Outras figuras de linguagens também carregam valores semânticos, todavia, elegemos a metáfora porque faz parte da linguagem cotidiana. Segundo Cançado, “os cognitivistas

afirmam que a metáfora [...] é vista como sendo uma maneira relevante de se pensar e falar sobre o mundo” (CANÇADO, p.22, 2008).

A metáfora é abordada, por Bechara (1983), no capítulo denominado “Semântica”. O autor a define como “translação de sentido por uma comparação mental”, exemplificando: “cabelos de neve (=brancos como a neve)” (BECHARA, 1983, p.341). Comparando com outra edição do mesmo autor, observamos que há uma alteração no conceito, ele diz “translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes, mas pela combinação se percebem também como assimilados”. No entanto, os exemplos se mantêm os mesmos. (BECHARA, 2001, p.397) “a metáfora não resulta – como tradicionalmente se diz – de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada” Bechara (2001, p. 398).

Para Almeida (1983/1992) “metáfora é o fenômeno pelo qual uma palavra é empregada por semelhança real ou imaginária: os *dentes* do pente” (ALMEIDA, 1983, p. 382). Enquanto Ferreira (1992) conceitua metáfora como “a mudança do sentido comum em uma palavra por outro sentido possível que, a partir de uma comparação subentendida, tal palavra possa sugerir.” Por exemplo: “À noite, as ruas da vila são um deserto” (FERREIRA, 1992, p.436, grifo meu). Já a gramática de Cunha não aborda nem metáfora nem nenhuma outra figura de linguagem.

Em Lima (1998), a metáfora “consiste na transferência de um termo para uma esfera de significação que não é sua, em virtude de uma comparação implícita”. Exemplificando: “Penetramos no *coração* da floresta” (LIMA, 1998, p. 501).

Pasquale & Ulisses (2003) falam que “a metáfora ocorre quando uma palavra passa a designar alguma coisa com a qual não mantém nenhuma relação objetiva. Na base da metáfora está um processo comparativo.” Exemplo: “Senti a seda do seu rosto em meus dedos.” (CIPRO NETO; INFANTE, 2003, p.556).

Carvalho assim como Cunha, não aborda nenhuma das figuras de linguagem em sua Gramática.

Segundo Ferreira (2007), metáfora “é o emprego de uma palavra com sentido diferente do sentido usual, a partir de uma comparação subentendida entre dois elementos”. (FERREIRA, 2007, p. 624) “O circo era um balão aceso com músicas e pastéis na entrada”. E ainda, que podem ser: explícitas, implícitas ou visuais (muito usadas na publicidade, tiras humorísticas e charges).

Figura 20 - Anúncio, GN 10

1 Leia esta tira humorística:

Fernando Gonsales — Niquel Nitsest. Em Folha de S. Paulo, 7/10/1997.

a) O humor dessa tira baseia-se em dois sentidos de uma mesma palavra. Identifique-a e explique os sentidos que ela adquire em suas duas ocorrências.

b) Em qual trecho dos dois casos essa palavra foi usada conotativamente, constituindo uma metáfora?

Fonte: FERREIRA, Mauro. In: Aprender e praticar Gramática, 2007, p. 634.

Na atividade acima, figura 20, espera-se que o aluno identifique a palavra “chata” como base do humor da tira, constituindo uma metáfora no último quadro.

Figura 21 - Anúncio, GN 10

ISTOÉ

Polícia Federal acusa esposa da família de ACM de dar golpe de US\$ 500 milhões seis vezes o valor do TET do Lula

DORES NAS COSTAS

Quatro em cada cinco brasileiros sofrem ou vão sofrer de dores na coluna

Má postura, stress e sedentarismo estão entre as principais causas

Acupuntura, hidroterapia e até antidepressivos aliviam o sofrimento

Exercícios para relaxar e prevenir os problemas mais comuns

Os cuidados que podem ser tomados no dia-a-dia

Entrevista Lula ataca o PT do Rio, diz que agora é a hora da esquerda e reconhece ter feito piada de mau gosto sobre Pelotas

Revista IstoÉ, 8/11/2000.

Fonte: FERREIRA, Mauro. In: Aprender e praticar Gramática, 2007, p. 625.

A figura 21 é um exemplo da utilização da metáfora visual, em que metáfora se constitui na imagem através do uso do arame farpado para representar a coluna vertebral e em sua relação o título da reportagem/capa “Dores nas costas”.

De acordo com Mesquita (2007) a metáfora “é uma figura que consiste em empregar uma palavra fora do seu sentido normal, demonstrando uma semelhança entre seres”. Por exemplo: “A propaganda é a alma do negócio”. (MESQUITA, 2007, p. 660).

Cereja/Cochar (2013) afirmam que metáfora “consiste no emprego de uma palavra em um sentido que não lhe é comum ou próprio, sendo o novo sentido resultante de uma relação de semelhança, de intersecção entre dois termos”. (CEREJA; COCHAR, 2013, p.391)

Figura 22 - Metáfora, GN 12



- 1) Os ratinhos estão namorando sob a luz das estrelas. Que figura de linguagem o ratinho emprega para atender ao pedido da ratinha?
- 2) A ratinha parece ter ficado impressionada com a fala do ratinho.
 - a) Que palavra ele empregou para expressar sua satisfação?
 - b) Apesar de satisfeita, ela espera algo do ratinho. O que ela espera quando pede a ele que traduza o que disse?

Fonte: CEREJA; COCHAR. In: Gramática Reflexiva, 2013, p. 395.

Na atividade da figura 22, a metáfora está relacionada a uma linguagem poética. No entanto, sabe-se que seu uso não está limitado a linguagem literária ou poética, a metáfora ocorre também por questões culturais. Como vimos na atividade proposta por Ferreira (2007) na figura 23 pode ser encontrada também na linguagem jornalística.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Nesta dissertação analisamos doze gramáticas normativas divididas em quatro grupos: o primeiro compreendeu a análise de duas gramáticas da década 80; o segundo, quatro de 90; o terceiro, cinco dos anos 2000 e uma gramática da década de 2010. As perguntas que nortearam a pesquisa foram: 1. Algo mudou em relação à estruturação dos conteúdos abordados nas gramáticas normativas? 2. Há espaço para a Semântica? Se há, de que maneira ela é apresentada? 3. Os conceitos em relação à Semântica apresentados na Gramática Normativa ignoram ou incorporam as contribuições das teorias linguísticas?

Assim, delineamos o objetivo geral da pesquisa que foi analisar comparativamente o tratamento dado à Semântica nas gramáticas normativas dentro do recorte selecionado, para a realização desse espelhamento consideramos o ano de edição das gramáticas analisadas. Iniciamos com a verificação das concepções de língua e linguagem. Dentro do grupo pertencente à década de 1980, apresentamos dois autores: Almeida (1983) e Bechara (1983). O primeiro alega que a língua é um fenômeno cultural, portanto, não existe em si mesma, dessa forma ele se distancia de Saussure que a considerava como objeto autônomo, estudado sem se levar em conta os fatores históricos e culturais. O segundo menciona que linguagem é a propriedade de comunicação, por meio de palavras, ou seja, uma forma de exteriorizar o pensamento. Almeida (1983) afirma ser um contrassenso cultural admitir que existam variedades da língua portuguesa, para ele existe uma única forma que deve ser falada por todos. Pensamento este que o coloca em descompasso com as concepções de língua e linguagem advindas dos estudos linguísticos influenciados pelas teorias de Bakhtin.

No segundo grupo, temos quatro GN da década de 1990: Almeida (1992) cuja gramática foi reeditada sem sofrer nenhuma alteração em relação à edição de 1983, Ferreira (1992) que não conceitua língua ou linguagem, Cunha (1994) que faz uma abordagem histórica da língua desde a origem da Língua Portuguesa até as variedades dialetais do português brasileiro e Lima (1998) que aborda a língua como “um sistema: um conjunto organizado e expositivo de relações”, utilizados pela sociedade para permitir a comunicação.

No terceiro grupo, da década de 2000 temos outras cinco gramáticas. Em Bechara (2001), distante quase vinte anos da edição de 1983, o conceito de língua é ampliado em dois aspectos: histórico e funcional. A língua para ele é como um produto cultural histórico, já aspecto funcional está relacionado ao uso individual da língua, modalidade que funciona nos dialetos e discurso. Já Pasquale & Ulisses (2003) preferem não aprofundar muito a questão, trazem o conceito de língua como “um sistema de signos convencionais” utilizados pelos

membros de uma mesma comunidade. Carvalho (2006) enfatiza o aspecto interacional da linguagem, para ela a língua é um sistema de regras, combinadas pelos falantes com o intuito de produzir sentidos em situações de interação, conforme suas necessidades. Por outro lado, Mesquita (2007) evidencia que a língua é um código, utilizado por um grupo social o tempo todo. Enquanto Ferreira (2007) assim como na edição de 1992 não aborda os conceitos de língua ou linguagem.

Da década de 2010 analisamos a GN de Cereja/Cochar, que assim como Carvalho evidenciam o aspecto interacional da linguagem, acrescentando a ideia de constituição do sujeito, pois segundo eles a língua está no nosso dia a dia, em todas as situações de interação e é através dela que nos constituímos como sujeitos sociais.

A partir das observações realizadas nas doze gramáticas, percebemos que os estudos linguísticos ainda não produziram mudanças significativas na elaboração das gramáticas, principalmente no que diz respeito, ao nosso foco, os estudos semânticos.

Nas GN analisadas, a conceituação de Semântica apareceu, predominantemente, como a disciplina que estuda a significação das palavras ou vocábulos. Os autores tiveram como base a teoria estruturalista, dos conceitos de significante e significado, e partem das concepções de plano de conteúdo e plano de expressão das unidades lexicais que são fundamentais para a aplicação das relações de significação. Somente duas, das doze GN, consideraram o contexto, a situação, a intenção em que o texto foi produzido, foram elas: Carvalho (2006) e Cereja /Cochar (2013).

Em relação aos conceitos semânticos, os mais recorrentes foram: sinonímia, antonímia, homonímia, paronímia e metáfora. Sabe-se, porém, que outros conceitos semânticos são pertinentes, como campo semântico, hiponímia, ambiguidade e polissemia que se relacionam com contexto sociocultural, tiveram recorrência reduzida entre as GN analisadas.

Alguns manuais gramaticais como os de Bechara (1983/2001) sofreram reformulações estruturais, em relação aos estudos semânticos. Na edição de 1983 era considerado apenas o ponto de vista diacrônico, associando o estudo da significação das palavras ao mundo das ideias e sentimentos, através da correlação de imagens. Dezoito anos depois, Bechara (2001) acrescenta que as causas principais de mudança de sentido das palavras são: metáfora, metonímia, braquiologia, eufemismo, alterações semânticas e etimologia popular. Apesar disso, o autor classifica o neologismo como vício de linguagem, desconsiderando os aspectos político, social e cultural se refletem ideologicamente no léxico de uma língua. Portanto, o *neologismo* não representa um modismo da/na língua, mas uma necessidade.

As GN 2 e 3, de Almeida (1983/1992) apesar de quase dez anos que separam as duas edições, foram reeditadas sem nenhuma alteração conceitual ou estrutural no aspecto semântico. O autor apresenta a equivocada ideia de que existem sinônimos perfeitos, ou seja, palavras cujos significados se correspondem biunivocamente.

Em vez de avanços, a GN de Ferreira apresenta um retrocesso. A edição de 1992 encontra-se dividida em unidades, sendo uma delas a Significação das palavras em que aborda os conceitos de antonímia, sinonímia, homônima e parônima. Porém na edição de 2007 a unidade “Significação das palavras” foi retirada do livro, os conteúdos homonímia e paronímia foram abordados dentro da unidade “Ortografia” e conceitos de antonímia, sinonímia foram suprimidos. Cunha (1994), Pasquale & Ulisses (2003) assim como Ferreira (2007), também citam uma subseção chamada “significação das palavras” onde se encontram conceitos como sinônimos, antônimos, homônimos e um capítulo a parte para tratar das figuras de linguagem. Enquanto Lima (1998) traz os conceitos semânticos (séries sinonímicas, polissemia, homônimos e parônimos), dentro de “Estilística”.

Em Mesquita (2007) a Semântica é abordada na unidade chamada “Som e significado”, em que aparecem os conceitos: morfemas, polissemia, sinonímia e antonímia, hiperonímia e hiponímia, campo lexical e campo semântico, homonímia, paronímia, contexto e dicionário, designando uma unidade para o estudo das “Figuras de linguagem e vícios de linguagem”.

O diferencial na abordagem semântica ficou por conta de Carvalho (2006) e Cereja/Cochar (2013), tendo em vista que os aspectos semânticos perpassam de maneira sistemática por toda a obra. Carvalho (2006) além de destinar um capítulo específico à Semântica traz seções como “O significado do verbo na frase” e “As preposições e seus significados” e, ainda, todas as unidades do livro possuem uma seção intitulada “A língua em funcionamento” em que possibilita ao aluno o estudo e a reflexão da língua. Por outro lado o conteúdo “Figuras de Linguagem” não é abordado.

Com William Cereja e Thereza Cochiar (2013) a diferença está na abordagem dada à Semântica ao final de cada um dos seus trinta e cinco capítulos, em uma subseção chamada “Semântica e discurso”.

Outro aspecto importante está relacionado às atividades. É importante salientar que as gramáticas Bechara (1983 e 2001), Cunha (1994) e Lima (1998) não trazem seção de exercícios sobre nenhum dos conteúdos gramaticais por elas abordados. São manuais de consulta sobre as regras gramaticais.

As gramáticas mais antigas, de Almeida (1983 e 1992), Ferreira (1992) e Cunha (1994) utilizam exemplos retirados dos clássicos da Literatura, como o demonstrado na atividade sobre sinonímia, figura 8. Assim perpetuam a tradição de que o modelo de bom uso da língua se encontra na Literatura, principalmente no Romantismo brasileiro e português, ou ainda em frases isoladas, elaboradas para servir de exemplo e que se enquadram na descrição dos fenômenos, não considerando o uso efetivo e real. Conforme Bagno (2001), modelo este muito contestado, por se tratar de uma linguagem artificial.

Somente a partir da GN 8 (2003) que percebemos a utilização de gêneros textuais do cotidiano: tiras, anúncios, letras de músicas, capas de revistas, *outdoor* e etc. Portanto, são atividades propostas a partir de textos de usos reais na sociedade.

Outro aspecto que merece atenção é à conceituação dos próprios conteúdos semânticos. Observamos a imprecisão em alguns conceitos apresentados pelas gramáticas e até mesmo divergências. Por exemplo, ao conceituar sinonímia, Almeida (1985/1992), diz que são palavras diferentes na forma, mas iguais ou semelhantes na significação. E acrescenta: podem ser sinônimos perfeitos (como léxico e vocabulário). No entanto a gramática de Cereja/ Cochar (2013) conceitua sinonímia como palavras de sentidos aproximados que podem ser substituídas por outra em contextos diferentes e, ao contrário de Napoleão, afirmam que não existem sinônimos perfeitos.

De fato, não é tarefa fácil conceituar sinonímia, e isto incomoda muitos linguistas. Conforme Ilari & Galdi (1987), para que duas palavras sejam sinônimas é necessário que tenham o mesmo sentido, em todos seus empregos, e ainda, é preciso considerar o contexto em que é utilizada. Isso porque a palavra sofre especificações de uso, que resultam da escolha do falante ou como Ferrarezi (2008) prefere afirmar a sinonímia é um fenômeno que ocorre nas línguas naturais com algumas palavras em certos contextos e certos cenários, em que podem ser substituída uma pela outra sem alteração no sentido desejado.

A imprecisão pode ser constatada em definições como de Bechara (1983/1992) que afirma que a sinonímia é o fato existir mais de uma palavra com a mesma ou quase a mesma significação. Não existe preocupação com a definição clara do fenômeno. E o mesmo acontece com as outras GN analisadas.

Apenas duas gramáticas apresentam divergências das demais, Carvalho (2006) e Cereja/ Cochar (2013), pois não trabalham apenas com palavras soltas, vão além, consideram também o contexto e acrescentam que a escolha da sinonímia mais adequada deve levar em conta a intenção do falante e a situação.

Quanto ao conteúdo ambiguidade é abordado em apenas nas GN11 e GN 12. A GN considera a ambiguidade um vício de linguagem, como manifestação da inabilidade do falante ou de uma “deficiência” da língua. Sabe-se, porém, que a ambiguidade muitas vezes utilizada intencionalmente, por uma escolha do falante com a intenção de persuadir, divertir, criticar ou provocar humor.

Sobre os conceitos de homonímia e paronímia são tratados em todas as gramáticas analisadas. Novamente percebemos divergências, alguns como Ferreira (1992), conceituam os vários tipos de homonímia. Outros a conceituam de forma genérica, como Cereja/Cochar abordam os dois conceitos sem muitos detalhes e um quadro com exemplos sem separação por tipo.

A Polissemia é discutida por apenas três gramáticas, a GN 6, GN 7 e GN 11. Talvez, o motivo de outras GN não abordarem esse fenômeno, seja para evitar tocar num ponto complexo que é sua compreensão e delimitação em relação à homonímia. Notamos que ao tratar este conteúdo surgiu outro exemplo de conflito conceitual, enquanto Bechara (2001) coloca o vocábulo **cabo** como exemplo de polissemia, Lima (1998) traz esta mesma palavra como exemplo de homonímia. Quem está certo? Se considerarmos a definição de polissemia trazida por Cançado de que as palavras polissêmicas carregam uma relação de sentido entre si, a palavra cabo seria considerada polissêmica, pois cabo pode ser a “extremidade” da faca e como também a “extremidade” da escala hierárquica militar. Admitindo uma relação de sentido comum entre elas. Porém os critérios de diferenciação entre homonímia e polissemia são questionáveis, não há consenso. Bechara, por exemplo, sugere outros critérios como foi mostrado na análise.

A respeito da metáfora, observamos que a semelhança foi maior entre os compêndios gramaticais. Com pouca variação, todos afirmaram que trata da utilização da palavra com um sentido fora do usual, realizando uma comparação implícita. Somente Cunha e Carvalho não nenhuma figura de linguagem. E Ferreira (2007) trouxe a chamada metáfora visual.

É necessário que a descrição gramatical detalhada e esclarecedora que possibilite a apreensão dos fatos da língua de maneira mais clara. A maioria das gramáticas não contempla o funcionamento textual e discursivo do português. Fator importante, tendo em vista que o português brasileiro, como todos sabem possui enormes diferenças em relação ao português de Portugal. De acordo com Bagno (2001, p. 36), apesar da língua pareça ser a mesma, muitas palavras podem ter significados diferentes aqui no Brasil e lá em Portugal, isto porque o estudo semântico deve levar em conta aspectos contextuais.

Alguns fenômenos linguísticos possuem interpretações diferentes, por parte de alguns autores, como pudemos verificar. Isso demonstra que a visão da gramática encontra-se em transformação, em consequência de vários aspectos levantados por linguístas e gramáticos. Algumas gramáticas não avançaram tanto nas transformações, não refletindo o grande avanço nos estudos da língua, principalmente, pelo fato de não contemplar o estudo contextualizado, já que as propostas curriculares para o ensino de Língua Portuguesa visam instigar os alunos a compartilharem diferentes fontes de informação, compararem ideias e opiniões, interpretarem diferentes linguagens e desenvolverem o pensamento crítico.

A professora Maria Helena Neves mostra outra forma de trabalhar a linguagem com a Gramática de Usos, em que ao invés de dar a definição pronta ao estudante, busca fazê-lo perceber o conceito a partir de reflexão do uso. Portanto, a gramática deveria ser o estudo da língua como atividade em que alguém, empregando recursos linguísticos adequados à situação, escreve ou fala com intenção de provocar um determinado efeito em que ouve ou lê, considerando os fatores que envolvem a interação verbal.

Este estudo não se esgota aqui, ainda há muito para ser explicado. Esperamos ter contribuído significativamente para a reflexão sobre os conceitos semânticos abordados nas gramáticas e a importância da Semântica no estudo da língua e da linguagem. Assim como para compreensão do papel da gramática dentro da língua, que é o de organizar a construção do significado do texto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 33 ed. São Paulo: Saraiva, 1985.

_____, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 37 ed. São Paulo: Saraiva, 1992.

ARNAULD, Antoine. **Gramática de Port-Royal. Arnauld e Lancelot**. Trad. Bruno Fregni Bassetto, Henrique Graciliano Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 3.ed. São Paulo: Publifolha, 2013.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____, Marcos. **Português ou Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais - Ciências da Natureza e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2002.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 28 ed. - São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983.

_____, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. - Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.

_____, In: NEVES, Maria H. Moura de; CASSEB – GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). **Gramáticas Contemporâneas do Português**. Ed. Parábola. São Paulo, 2014.

CALVET, Louis Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Ed. Parábola, 2002.

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CARVALHO, Laiz B. de. **Gramática: uso e interação**. 1ª ed. - São Paulo: Saraiva, 2006.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática Reflexiva - Texto, Semântica e Interação - 4 Ed.** Ed. Atual, 2013.

CHIERCHIA, Gennaro. **Semântica**. Editora da Unicamp. Campinas – SP, 2008.

CIPRO NETO, Pasquale. **Gramática da língua portuguesa**. Pasquale Cipro Neto & Ulisses Infante. São Paulo: Scipione, 2003.

CUNHA, Celso Ferreira de. **Gramática da língua portuguesa**. 12ª ed. – Brasília: FAE, 1994.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso. **Semântica para a educação básica**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: FTD, 1992.

_____, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. Edição renovada. São Paulo: FTD, 2007.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2009.

GUIMARÃES, Eduardo. **História da Semântica: Sujeito, sentido e gramática no Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica: brincando com a gramática**. São Paulo: Contexto, 2001.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. 3 ed.- São Paulo: Ática, 1987.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 7 Ed. - São Paulo: Ed. Contexto, 2003.

LEITE, Marli Quadros. **O Nascimento da Gramática Portuguesa – Uso & Norma**. Paulistana: São Paulo: Ed. Paulistana, 2007.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1987.

MECZ – TAMBA, Irène. **A Semântica**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Ed. Parábola, 2006.

MESQUITA, Roberto. **Gramática da Língua Portuguesa**. 9 ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

NEVES, M. H. de M.; CASSEB - Galvão, V. C. (Org). **Gramáticas contemporâneas do português: com a palavra, os autores**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Semântica e Formação do Leitor Crítico**. In: OLIVEIRA & SILVA. *Semântica Estilística: dimensões atuais do significado e do estilo*. Campinas: Pontes, 2014.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. São Paulo: Mundo das letras, 1996.

_____. **Questão semântica?** Publicado em 26/12/2014, acesso em 14/01/2015.
<http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/palavreado/questao-semantica>

ROCHA LIMA, Carlos Henrique de. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 35ª ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Gramática ensino plural**. São Paulo: Cortez, 2003.

WACHOWIKZ, Tereza Cristina. Semântica Lexical. In: BASSO, Renato; FERRAREZI JÚNIOR, Celso. **Semântica, Semânticas** - Uma Introdução. Ed. Contexto, 2013, p. 153 – 170.

ANEXOS

GRAMÁTICAS ANALISADAS

